

Nº 1559 | 13 de janeiro de 2016

ECCLESIA

SEMANÁRIO



SILÊNCIO

Dúvida e martírio, de Portugal ao Japão

04 - Editorial:

Octávio Carmo

06 - Foto da semana

07 - Citações

08 - Nacional

14 - Internacional

20 - Opinião

D. António Francisco dos Santos

22 - Semana de...

Lígia Silveira

24 - Dossier

Silêncio, missão portuguesa no
Japão de Martin Scorsese

26 - Entrevista

Martin Scorsese - America
Magazine

60 - Multimédia

62 - Estante

64 - Concílio Vaticano II

66 - Agenda

68 - Por estes dias

70 - Programação Religiosa

71 - Minuto Positivo

72 - Liturgia

74 - Fátima 2017

78 - Fundação AIS

80 - LusoFonias

Foto de capa: DR
Foto da contracapa: DR

AGÊNCIA ECCLESIA

Diretor: Paulo Rocha | Chefe de Redação: Octávio Carmo

Redação: Henrique Matos, José Carlos Patrício, Lígia Silveira,
Luís Filipe Santos, Sónia Neves

Grafismo: Manuel Costa | Secretariado: Ana Gomes

Propriedade: Secretariado Nacional das Comunicações Sociais

Diretor: Padre Américo Aguiar

Pessoa Coletiva nº 500966575, NIB: 0018 0000 10124457001 82.

Redação e Administração: Quinta do Cabeço, Porta D
1885-076 MOSCAVIDE.

Tel.: 218855472; Fax: 218855473.

agencia@ecclesia.pt; www.agencia.ecclesia.pt;



Adeus a Daniel Serrão e Mário Soares

[\[ver+\]](#)



Papa denuncia loucura da guerra

[\[ver+\]](#)



Silêncio, um thriller teológico

[\[ver+\]](#)

Opinião

D. António Francisco dos Santos |
Octávio Carmo | Lígia Silveira
| Manuel Barbosa | Paulo Aido | Tony
Neves

A fé como luta



Octávio Carmo
Agência ECCLESIA

A história da Igreja Católica mostra-nos muitos grandes santos que tiveram experiências de dúvida, de escuridão, aridez, quase revolta, na sua vida espiritual, perante o silêncio de Deus. A fé é uma luta e esses santos mostram-no. Não é um doce que se dá a crianças para as acalmar ou um comprimido para anestesiar as dores da alma humana.

Como luta, exige um compromisso interior constante, com consequências práticas no dia a dia, porque não é um dado adquirido, pelo contrário. Recordo-me muitas vezes da passagem do Evangelho em que Jesus fala do que seria possível fazer a quem tivesse a fé de um grão de mostarda. Algo tão mínimo. Habituo-nos a pedir perdão pelos que não creem, mas esquecemo-nos de que, tantas vezes, estamos nesse grupo.

O novo filme de Martin Scorsese, 'Silêncio', traz aos ecrãs de Cinema um retrato desta luta interior, num contexto particularmente complexo, o da missão do Japão no século XVII, com a consequente perseguição feroz aos cristãos. Na linha do romance homónimo de Shusaku Endo, somos confrontados com os limites da maldade, da ausência de reconhecimento pelo outro, da luta interior em matérias de fé, a dúvida, a apostasia, o martírio.

É impossível ficar indiferente ao facto de muitas destas cenas serem reproduzidas hoje, em cenários dominados, por exemplo, pelo autoproclamado 'Estado Islâmico'. Muitos morreram por causa

da sua fé, outros hesitaram, alguns abdicaram por medo da morte. Não deveríamos perder tempo a julgar os outros, mas, pelo contrário, o mais necessário é questionar a nossa própria realidade: quantos de nós tiveram, verdadeiramente, de lutar para professar a sua fé, contra tudo e contra todos? Uma fé vista meramente como herança sociocultural é pouco mais do que decorativa, mas a capacidade de a levar até às últimas consequências espirituais e práticas – porque a fé exige a concretização em

obras – é algo muito mais difícil de encontrar. Muitos vão chorar ao ver o novo filme de Scorsese, por causa dos que morreram e dos que ainda morrem, perseguidos por professarem uma fé diferente. Outros questionarão a “apologia” (embora não seja esse o caso) da apostasia, outros ainda o “atrevimento” dos missionários que foram a outros países anunciar o seu Credo. Vale a pena falar de tudo isto e, sobretudo, vale a pena sair do adormecimento e aceitar o questionamento.





foto da semana



«A história recordará este olhar contínuo para o futuro»

citações



- «Nas últimas semanas a discussão sobre o futebol em Portugal tem estado centrada na velha questão dos árbitros e das arbitragens» - Nuno Santos; In: «Record», dia 12 de janeiro de 2017

- «Sou um utilizador ávido da internet e das plataformas eletrónicas, mas a agressividade com que essas plataformas exigem a minha atenção e que tome uma decisão, literalmente, apoquentame.» - Ricardo Cabral; In: «Público», dia 12 de janeiro de 2017.

- «Na hora da morte de Mário Soares é necessário lembrar uma ideia atribuída a Einstein: Democracia quer dizer respeito por todos sem endeusar nenhum deles» - Jorge Teixeira da Cunha; In: «Voz Portucalense», dia 11 de janeiro de 2017.

- «A esperança pode ter muitos rostos, mas há um denominador comum a todos eles: em primeiro lugar, fazer tudo quanto depende de nós e só depois esperar» - M. Ribeiro Fernandes; In: «Diário do Minho», dia 08 de janeiro de 2017.

Bispos lembram figuras de Mário Soares e Daniel Serrão



O Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) fez “memória agradecida” da vida do ex-presidente da República Mário Soares e do médico Daniel Serrão, na primeira reunião de 2017, realizada em Fátima. “Em relação à Igreja (Mário Soares fez) a afirmação sempre da defesa da liberdade religiosa num espírito de cooperação e de respeito”, afirmou o secretário da CEP.

O padre Manuel Barbosa, em nome dos bispos, realçou de Mário Soares “toda a sua vida, a defesa da democracia, dos seus valores”. Aos jornalistas, lembrou a frase do antigo presidente da República: “As religiões são instrumentos de paz, de civilização e de diálogo entre os povos.” O Conselho Permanente da CEP reconheceu ainda a “dedicação” de Mário Soares enquanto presidente

da Comissão da Liberdade Religiosa [criada pela Lei 16/2001] e a forma como nessas funções assumiu os princípios da Lei da Liberdade Religiosa: “Liberdade, igualdade, cooperação, respeito, e da tolerância entre todas as religiões legalmente reconhecidas no nosso país”.

Mário Soares, de 92 anos, morreu no sábado, dia 7 de janeiro, no Hospital da Cruz Vermelha, em Lisboa, onde estava internado desde 13 de dezembro de 2016.

Os bispos que constituem o Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa também fizeram “memória muito agradecida” pela vida do médico Daniel Serrão.

O padre Manuel Barbosa destacou o “legado que deixa” o iniciador da Bioética em Portugal, “o homem que foi”, e a “fé muito comprometida e de profunda humanidade”.

Sobre Daniel Serrão, foi citada a nota do bispo do Porto (ver página 20): “Um homem de grandes causas, um cristão de assumidas convicções e um cidadão de corajoso compromisso humano, cultural e social, sempre pautado pelo serviço do bem comum”.

Daniel Serrão, membro honorário da Academia Pontifícia para a Vida (Santa Sé), professor catedrático e investigador, faleceu este domingo, dia 8, aos 88 anos de idade, vítima de problemas respiratórios.

Em Fátima, os bispos portugueses em memória “muito agradecida” sublinharam o legado do antigo dirigente da Associação de Médicos Católicos Portugueses, a defesa que Daniel Serrão “fez da vida”, da relação “muito profunda entre ética e medicina”.

Daniel dos Santos Pinto Serrão nasceu em Vila Real, no dia 1 de março de 1928 e licenciou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, em 1951; Venceu o Prémio Nacional de Saúde 2010, e assinou vários artigos de opinião na Agência ECCLESIA.

Conferência Episcopal opõe-se a inclusão do tema do aborto nos programas do segundo ciclo

O Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) manifestou-se contra a intensão do Governo incluir o tema do aborto nas aulas de Educação Sexual do 2º ciclo, o que “não” respeita o “direito dos pais à educação dos filhos”.

“A conferência segue com preocupação esta iniciativa do Estado e apoia naturalmente aqueles que não aprovam a inclusão do tema do aborto nesta fase, no tom que é dado”, disse o secretário e porta-voz da CEP. Na primeira reunião do ano do Conselho Permanente, o padre Manuel Barbosa adiantou que os prelados apoiam, por exemplo, a petição online ‘aborto como “educação sexual” em Portugal? diga não’ que é dirigida à Direção-geral de Educação.

O sacerdote observa que a educação sexual “deve ser integrante”, uma educação global, educação para “a personalidade no sentido integral e não apenas assumir isso como questões éticas, de saúde”. “A educação sexual como é assumida é quase uma focalização técnica, numa questão de saúde quando tem de ser assumido de forma integral, no

crescimento da personalidade da pessoa. É nesse tom que devemos colocar e não como está a ser proposto pela Direção Geral da Educação”, sublinhou o secretário da CEP.

Segundo o padre Manuel Barbosa a petição online ‘aborto como “educação sexual” em Portugal? diga não’, que tem mais de nove mil assinaturas, também “reafirma o direito dos pais à educação dos filhos”.

Os Ministérios da Educação e da Saúde pretendem que todo o ensino obrigatório tenha acesso a um documento que ajude a orientar as aulas de Educação Sexual e propõe que os alunos do segundo ciclo do ensino básico – 5.º e 6.º anos, saibam o que é uma interrupção voluntária da gravidez.

Presidente da República assiste ao musical sobre o Patriarcado de Lisboa

O musical ‘Partimos. Vamos. Somos’, que assinala os 300 anos do Patriarcado de Lisboa, está de regresso ao teatro Tivoli BBVA para uma segunda temporada, até domingo, numa resposta ao pedido do público.

“Esta reposição nasceu exatamente porque esgotámos todos os espetáculos e tínhamos ainda pedidos de pessoas que gostariam de ter visto e não conseguiram. Conseguimos reunir a equipa toda para estas datas”, adianta a encenadora Matilde Trocado.

De acordo com a página da internet do Patriarcado de Lisboa, Marcelo Rebelo de Sousa, presidente da República, vai assistir ao musical esta sexta-feira, às 21h30.

‘Partimos. Vamos. Somos’ apresenta a Lisboa cristã como cidade-missão’ e, de acordo com a encenadora, o contexto não é só histórico mas tem um “lado mais contemporâneo”, com cinco personagens que apresentam cinco maneiras diferentes “de fazer missão hoje”.

“Depois, temos toda a história que vai cruzando com a história destes

personagens. Os primeiros registos são do ano 303, dos primeiros cristãos em Lisboa”, acrescenta, assinalando que ligam a contemporaneidade com a história de santos portugueses como Santo António ou São João de Brito.

“Partimos em missão, vamos em missão, somos missão. Sente-se na nossa equipa, temos um sentido missionário naquilo que estamos a fazer”, frisou.

O texto do musical é da autoria do padre Hugo Gonçalves, prefeito do Seminário de São José de Caparide, e Matilde Trocado é encenadora de trabalhos como ‘Woytyla’, sobre o Papa São João Paulo II, ‘Godspell’ ou ‘Calcutá’, dedicado a Madre Teresa.

A Agência ECCLESIA escolhe sete acontecimentos que marcaram a atualidade eclesial portuguesa nos últimos dias, sempre atualizados em www.agencia.ecclesia.pt



[França/Acidente: Diocese de Lamego expressou «proximidade na dor» às famílias das vítimas](#)

Debate sobre o tema do Congresso dos Jornalistas



Papa condena *loucura homicida* do fundamentalismo

O Papa condenou a “loucura homicida” dos fundamentalistas, visível em recentes atentados, e disse aos membros do Corpo Diplomático acreditados na Santa Sé que é necessário dialogar com as religiões. Perante representantes de mais de 180 nações e organizações, Francisco desafiou as autoridades religiosas a manter-se unidas para afirmar que “nunca se pode matar em nome de Deus”. “Trata-se duma loucura

homicida que, na tentativa de afirmar uma vontade de predomínio e poder, abusa do nome de Deus para semear morte”, denunciou. O Papa admitiu que, “infelizmente”, a experiência religiosa tem sido usada como pretexto de “marginalizações e violências”, referindo-se particularmente ao “terrorismo de matriz fundamentalista”. O discurso recordou as vítimas de atentados no Afeganistão,

Bangladesh, Bélgica, Burquina Faso, Egito, França, Alemanha, Jordânia, Iraque, Nigéria, Paquistão, Estados Unidos da América, Tunísia e Turquia. “São gestos vis, que usam as crianças para matar, como na Nigéria; tomam de mira quem reza, como na catedral copta do Cairo, quem viaja ou trabalha como em Bruxelas, quem passeia pelas ruas da cidade, como em Nice e Berlim, ou simplesmente quem festeja a chegada do Ano Novo, como em Istambul”, lamentou. O Papa sustentou que o terrorismo fundamentalista é fruto duma “grave miséria espiritual”, que muitas vezes aparece associada também à “pobreza social”. “Isto só poderá ser plenamente vencido apenas com a colaboração conjunta dos líderes religiosos e dos líderes políticos”, assinalou. Francisco evocou a Jornada Mundial de Oração pela Paz, realizada em Assis no último mês de setembro, durante a qual se encontraram os representantes das diferentes religiões para “dar voz em conjunto a quantos sofrem, a quantos se encontram sem voz e sem escuta”. “Sabemos que não têm faltado



violências por motivação religiosa, a começar precisamente pela Europa, onde históricas divisões entre os cristãos já perderam há demasiado tempo”, acrescentou. A intervenção aludiu ainda à iniciativa do Conselho da Europa sobre a dimensão religiosa do diálogo intercultural, que em 2016 se debruçou sobre o papel da educação na prevenção da radicalização que conduz ao terrorismo e ao extremismo violento. “Trata-se duma oportunidade para aprofundar a contribuição do fenómeno religioso e o papel da educação para uma verdadeira pacificação do tecido social, necessária para a convivência numa sociedade multicultural”, afirmou Francisco.



Pelo fim da guerra na Síria e o desarmamento nuclear

O Papa Francisco reforçou esta semana os seus apelos em favor da população da Síria, pedindo respeito pelo cessar-fogo acordado em finais de 2016 e pelo “direito humanitário internacional”. “O desejo comum é que a trégua recentemente assinada possa ser um sinal de esperança para todo o povo sírio, que dela tem profunda necessidade”, disse, no discurso anual perante os membros do corpo diplomático acreditado na Santa Sé. Novas conversações entre o governo e a oposição síria estão previstas para finais de janeiro, em Astana, Cazaquistão. “Apelo à comunidade internacional para que se esforce com diligência por dar vida a uma negociação séria, que ponha termo definitivamente ao conflito, causador de um verdadeiro desastre humano”, declarou o Papa. A situação no terreno continua marcada pela instabilidade, em particular na região de Damasco, onde prosseguem combates entre forças governamentais e grupos rebeldes, em volta do controlo estratégico do abastecimento de água.



Francisco evocou a “tristeza e o sofrimento” das crianças e jovens sírios, que sofrem as consequências de um “conflito atroz” que os priva da “possibilidade de brincar livremente” ou da “oportunidade de ir à escola”. O Papa criticou depois o “perverso comércio das armas”, alertando para as consequências dos testes realizados na península coreana, “que desestabilizam toda a região” e põem questões preocupantes a toda a comunidade internacional sobre “o risco duma nova corrida às armas nucleares”. O encontro decorreu na Sala Régia do Palácio Apostólico do Vaticano e começou com uma saudação do decano do corpo diplomático, Armindo Fernandes do Espírito Santo Vieira, embaixador de Angola.

Refugiados cristãos no Iraque com vida em suspenso

A destruição e a falta de infraestruturas da cidade iraquiana de Qaraqosh, na fronteira das terras do Curdistão, elimina a possibilidade de os cristãos, que fugiram em agosto de 2014, regressarem e reconstruírem as suas vidas.

“Mesmo que na fuga as pessoas tenham conseguido resguardar algum património para reconstruir as casas – o que é muito difícil porque nas barreiras do Daesh à saída, malas, joias, carros, tudo era confiscado – não há infraestruturas, eletricidade, água, escola, nada...”, relata à Agência ECCLESIA a irmã Irene Guia, escrava do Sagrado Coração de Jesus, a viver desde setembro de 2016 em Dohuk, na Região Autónoma do Curdistão Iraquiano, onde é responsável pelos projetos do Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS) no distrito. A cidade de Qaraqosh, localizada na fronteira das terras do Curdistão e recentemente reconquistada ao Estado Islâmico, foi palco de um êxodo total de cristãos em agosto de 2014 quando o Daesh exigia o pagamento de “impostos altíssimos”, a “conversão ao Islão ou a morte”. De uma cidade onde 90% da população era cristã hoje “não há nada”.



A religiosa, antiga comentadora da Ecclesia, visitou recentemente esta cidade e encontrou uma “cidade fantasma” cujos habitantes “são forças armadas de diferentes grupos mas onde não se veem cidadãos comuns”.

“É uma cidade destruída. Encontramos tijolo, lixo de obra equivalente a uma demolição para voltar a construir, mas que aqui é fruto de guerra. Imaginem chegar a vossa casa e ver que ou não existe, porque está em cacos, é lixo de obra, ou então está vandalizada. Não há portas, janelas, não há uma fechadura no lugar. Eu entrei onde quis”. Irene Guia dá conta de uma comissão que está a ser constituída “com cidadãos e organizações, onde creio que a Igreja católica também vai intervir” para ajudar à reconstrução de Qaraqosh.



internacional

A Agência ECCLESIA escolhe sete acontecimentos que marcaram a atualidade eclesial internacional nos últimos dias, sempre atualizados em www.agencia.ecclesia.pt



[Papa batizou 28 crianças na Capela Sistina](#)

Cristãos unidos ao serviço dos pobres e em defesa da vida



Em homenagem e em gratidão ao Professor Doutor Daniel Serrão



D. António Francisco
dos Santos
Bispo do Porto

Faleceu ontem, dia 8 de janeiro, o Professor Doutor Daniel dos Santos Pinto Serrão. Queremos dizer à Família, muito particularmente a sua Esposa, D. Maria do Rosário de Castro Quaresma Valladares Souto, aos seus Filhos e aos seus Netos a nossa gratidão por este grande Amigo e Médico insigne, que agora vemos partir ao encontro de Deus.

O Professor Daniel Serrão foi um homem de grandes causas, um cristão de assumidas convicções e um cidadão de corajoso compromisso humano, cultural e social, sempre pautado pelo serviço do bem comum.

O Prof. Doutor Daniel Serrão nasceu no dia 1 de março de 1928, em Vila Real. Viveu em Aveiro, Viana do Castelo e Coimbra, cidades onde estudou, nas várias etapas da vida académica, até se fixar no Porto, como médico e como professor, assumindo um reconhecido compromisso cívico, académico e cristão nas mais diversificadas vanguardas da missão. Associamo-nos, assim, como Igreja do Porto, à gratidão e à homenagem da Cidade, da Universidade do Porto, do Centro de Bioética da Universidade Católica e a tantas Instituições que criou e serviu. Não esquecemos, entre tantos outros méritos, que foi o iniciador da Bioética em Portugal e membro do Conselho Pontifício das Ciências da Vida, por indicação do Papa João Paulo II. É, por isso, de ação de graças a Deus e de homenagem ao Professor Daniel Serrão este nosso gesto.

A herança que nos lega na sua Família e no imperativo de tudo fazermos ao serviço da vida e da dignidade da pessoa humana deve ser um desígnio de missão e um propósito de ação para todos nós. Há pessoas a quem devemos uma imensa gratidão: as que nos fazem nascer; as que nos ajudam a ser felizes; as que nos ensinam a crescer na alegria, na verdade e na fé..

Essas pessoas, dotadas de uma inteligência brilhante, de um coração generoso, de uma vontade determinada e de uma fé esclarecida ajudam-nos a encontrar coragem nas horas de sofrimento, a escutar Deus em todos os acontecimentos e a trabalhar sem descanso e sem desânimo na construção de um mundo melhor. Todos, na vida, temos perto de nós exemplos desta grandeza, que juntam à simplicidade de vida o heroísmo dos gestos corajosos, a sabedoria das decisões lúcidas, a grandeza dos testemunhos humildes. E o Professor Doutor Daniel Serrão é um desses exemplos maiores.

Num mundo marcado pela ansiedade diante do horizonte do futuro e preocupado por tantas razões, as válidas e as desnecessárias, vale a pena saber que há gente de

inteligência lúcida, de coração largo e de generosidade ilimitada. Vale a pena saber que há homens e mulheres, médicos de vocação, profissionais competentes, cristãos comprometidos, que vislumbram horizontes de esperança e que dão uso ao ouvido do coração, constituindo um porto seguro de abrigo à vida humana.

Vale a pena saber que há homens e mulheres que não se cansam de “cuidar” da vida da pessoa humana, em todas as fases, sobretudo quando ela é doente, quando sofre, quando está frágil, quanto é indefesa. Vale a pena saber que há homens e mulheres que tudo fazem para que na Humanidade surjam oásis habitados pela esperança nos avanços da ciência médica e pelo valor sagrado e intocável da vida humana. O Professor Doutor Daniel Serrão foi testemunho exemplar e voz profética em tantas frentes de missão a favor da vida e ao serviço da fé.

A Igreja do Porto tem o dever de lhe dizer esta palavra de gratidão e de lhe assegurar a certeza de que saberemos continuar este abençoado património que nos lega em herança e em compromisso de missão.

Porto, 9 de janeiro de 2016

«Yes, we can»



Lígia Silveira
Agência ECCLESIA

As palavras “democracia” e liberdade” foram repetidas sem fim desde que se soube da morte, há muito esperada, do antigo Presidente da República Portuguesa. Depois de diretos vazios à porta do Hospital da Cruz Vermelha, assistimos à reflexão de inúmeras personalidades que relembrou o percurso de vida e as escolhas que Mário Soares fez para que eu pudesse escrever estas linhas. Não querendo ser repetitiva, junto-me ao coro de vozes para agradecer a sua decisão de não virar costas a um país e lutar pela liberdade que hoje o meu filho tem por adquirida.

Um dia de diferença marcou o funeral de Estado de Mário Soares e o último discurso de Barack Obama, enquanto presidente dos Estados Unidos da América. Retive este parágrafo: “A democracia está ameaçada sempre que a tomarmos como garantida. Todos nós, independente do partido, deveríamos lançar-nos na tarefa de reconstruir as nossas instituições democráticas. Numa altura em que o número de votantes na América (podemos pensar na realidade portuguesa, tendo em conta os números da abstenção em eleições recentes) está entre os mais baixos das democracias mais avançadas, votar deveria ser fácil e não mais complicado”.

No dia seguinte, o presidente eleito que toma posse a 20 de janeiro, assume a demissão das suas empresas, deixa-as aos seus filhos e a um amigo e assume que nos próximos quatro anos, “para evitar conflitos de interesses”, não vai falar sobre negócios com os filhos. Acredite quem quiser.

Mas, ainda podemos dizer “Yes, we can”.

O Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento levou-me à Casa Velha, uma associação em Ourém que quer apostar nas relações de confiança e proximidade como base até económica e de desenvolvimento local. Sem descartar uma herança territorial e cultural, os responsáveis colocam-se à escuta dos tempos para encontrar respostas para novos caminhos devem, assente numa marca de ecologia e espiritualidade que não só, não exclui não crentes mas os convida a entrar.

O Serviço Jesuíta aos Refugiados presente em Dohuk, na Região

Autónoma do Curdistão Iraquiano, tem a sorte de poder contar com as mãos e o coração da Irmã Irene Guia, Escrava do Sagrado Coração de Jesus, que assume a responsabilidade pessoal de testemunhar o que ali experimenta. Se em Portugal podemos fechar o jornal ou mudar de canal para não ver os rostos de quem não dá como adquirido o dia de hoje, em terras do Curdistão o Dia Internacional do Migrante e do Refugiado não vai ser assinalado de tão banal é a realidade.

A liberdade e a democracia não estão garantidas. Mário Soares sabia-o, Barack Obama disse-o. A associação Casa Velha e a Irmã Irene Guia afirmam esses valores a cada dia.



O Semanário ECCLESIA apresenta hoje o filme "Silêncio", de Martin Scorsese, baseado na adaptação do livro do japonês Shusaku Edo. A obra que conta a história de Cristóvão Ferreira, um jesuíta português que teve uma missão importante no Japão, bem como de outros jesuítas que foram à sua procura quando chegou à Europa a notícia sobre a sua eventual apostasia.



Para entender melhor tudo o que se passou, contextualizações históricas sobre o Cristianismo no Japão e os seus mártires. As próximas páginas reproduzem ainda uma entrevista de Scorsese à revista jesuíta 'America' e depoimentos de James Martin, sacerdote que acompanhou a preparação e produção do filme. O enredo do filme parte da figura do jesuíta Cristóvão Ferreira (1580-1650), interpretada por Liam Neeson, e de outros dois missionários que a Companhia de Jesus envia à procura de Cristóvão Ferreira, nesta caso duas personagens fictícias, Sebastião Rodrigues e Francisco Garupe, assumidas pelos atores Andrew Garfield e Adam Driver.

Nas terras nipónicas sob o regime Xogunato Tokugawa, que banuiu o catolicismo e quase todo o contacto com o estrangeiro, os dois jovens religiosos testemunham a perseguição dos japoneses cristãos pela mão do seu próprio governo, interrogando-se sobre o silêncio de Deus face ao sofrimento dos seus filhos.



O fascínio da Missão e o Silêncio de Deus

Durante muito tempo, viveu fascinado pelas histórias dos missionários. Martin Scorsese dirige agora o filme 'Silêncio', que retrata a história de dois padres jesuítas portugueses perseguidos durante a sua missão no Japão, no século XVII. Apresentamos em seguida a entrevista realizada por James Martin, padre jesuíta norte-americano, consultor de Martin Scorsese para este filme, e diretor da 'America Magazine', uma conversa intimista sobre a fé e a vida. A tradução foi divulgada pela Companhia de Jesus em Portugal.

Pode contar-nos um pouco sobre a sua educação religiosa?

- Nos primeiros sete anos da minha vida morava numa boa casa de família, em Corona, Queens. O meu irmão mais velho, os meus pais... Em Corona, o ambiente era muito simpático, com árvores, como nas cidades pequenas. Dessa altura, não me lembro de muitas coisas relacionadas com a religião. Por causa de alguns problemas familiares, voltámos para a Rua Elizabeth, onde os meus pais nasceram.

E no número 241 da Rua Elizabeth, que ainda existe, os meus avós viviam no 3º Frente. Atirado para ali, naquela altura, e eu tinha uma asma grave, foi uma diferença da noite para o dia. Houve algo em mim, algo idílico que se transformou. Expulso do Paraíso, por assim dizer. Lançado para a diáspora. Basicamente, havia miúdos problemáticos a correr pelas ruas com caixotes do lixo. Era uma zona em franco desenvolvimento, mas de certo modo medieval. Havia mercearias, talhos, peixarias, todo esse tipo de coisas. Casas funerárias e pastelarias, uma classe trabalhadora, mas também malfetores, um elemento criminal. Mas o mais importante era a antiga catedral de S. Patrício, que ficava na esquina. Saí da escola pública e mandaram-me para a escola de S.

Patrício. Nessa altura, acho que estava no 2º ou 3º ano; de repente, vi-me no ambiente católico rígido dos meados do séc. XX em Nova Iorque.

Passava muito tempo a rezar na igreja?

- Sim, na Igreja; ia à Missa...

Sozinho?

- Sozinho, ou... A minha família não era muito religiosa. Mas eu encontrava ali conforto, porque as ruas eram muito duras. Como tinha a tal asma, disseram-me que eu não podia fazer nada. Se nos dizem isso repetidamente, e até temos dificuldade em respirar, acreditamos mesmo nisso. Mas os meus pais, no final dos anos 40, eram pouco instruídos, pertenciam à classe trabalhadora e não sabiam o que fazer. Só sabiam que eu não conseguia respirar. Por isso, fui sendo mais ou menos protegido. Mas quando estamos nas ruas, não ficamos realmente protegidos. Há uma... Não encontro a palavra, mas na rua estamos sempre a ser desafiados, por miúdos mais fortes, por miúdos mais novos... Tentamos encontrar o sentido de tudo isto. Tentamos encontrar o sentido da dinâmica familiar; o que significa a família, o que é uma família unida. Todo aquele lugar era como um organismo vivo. E a Igreja era o centro.



A Igreja, para si, era como um refúgio?

- Sim, era mesmo um refúgio. Tirou-me deste... Como dizer? O mundo de todos os dias. O mundo prático dos meus pais, das minhas tias, tios e avós, e das suas vidas, de certo modo. Porque havia algo também para além disso. De certa forma, o que eu achava ter percebido na Igreja, ou o que tentava perceber, aplicava-se ao modo como vivíamos.

Ainda assim, não me lembro de

nada em concreto, por outras palavras, de o meu pai alguma vez ser específico sobre a religião. Mas esforçavam-se por levar uma vida boa, dia a dia, hora a hora, nas suas responsabilidades e obrigações. a decência era muito importante e num mundo que era bastante indecente.

Essa religiosidade continuou na adolescência?

- Sim, continuou. Fui acólito por

bastante tempo. E também estava no coro. Os padres e os monsenhores que ali estavam, estavam para uma geração mais velha de italianos, aqueles que mal falavam inglês e por aí fora. Eles não se relacionavam muito com os mais jovens.

Até que chegou um padre, era a sua primeira paróquia, era o padre Francis Principe, estávamos em 1953. Eu tinha 11 anos. Ou 10 ou 11 anos. Ele ficou lá cerca de seis anos.

Foram anos muito formativos para mim. De certo modo, ele foi um verdadeiro mentor, cortou com uma espécie de mentalidade do Velho Mundo que tinha sido transplantada do Velho Mundo, da Sicília e de Nápoles. Basicamente, foi ele quem apontou o caminho através da literatura, do cinema, da música... Foi quem olhou para nós, a certa altura, para mim e para os meus amigos, e que nos disse: "você não têm de viver assim". O que ele queria dizer é que parecia existir... um ciclo. Um ciclo em que aos 20 ou 21 anos casávamos para sair de casa dos pais, depois tínhamos filhos, que faziam a mesma coisa, e continuava sempre assim. Podia haver qualquer coisa neste país que nos oferecesse outras oportunidades, podíamos ter uma vida diferente. Também abriu horizontes.

Foi uma pessoa religiosa durante a Universidade?

- Durante muito tempo, vivi fascinado pelas histórias dos missionários. Quando tinha cerca de 8 ou 9, 10 anos queria ser um missionário Maryknoll.

A sério? O que o atraía nos missionários Maryknoll?

- A coragem, os desafios, o poder ajudar. Achei que era algo extraordinário. As Irmãs gostaram muito da ideia. Quando dei por mim, estava a falar com o padre Principe e a dizer: "Eu quero ser assim". Acabei no *Cathedral Prep.*, uma espécie de seminário preparatório, aqui em Nova Iorque. Eu devia ter uns 14 ou 15 anos, é nessa idade que tudo muda de direção. Caí na conta de que "muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos". A vocação. Não te tornas, não dedicas a vida a Jesus, sendo padre, a menos que realmente te sintas chamado. Por outras palavras, não é ser como os outros são. Tem de vir de dentro de ti. É um chamamento muito sério, e muito sagrado. Por isso, fiquei destruído quando me expulsaram do seminário.

Mas parece que sempre se interessou pelo trabalho missionário

...

- Sim!

Quando é que se cruzou com "Silêncio", o livro?

- Estava a trabalhar no livro de Katsanzakis, "A Última Tentação de Cristo", queria realizá-lo. Em 1988, quando finalmente ficou pronto, estava prestes a estrear, houve um enorme alvoroço e tivemos que mostrar o filme, quer dizer, mostrámos o filme como estava a diversos grupos religiosos, para mostrarmos de que se tratava, em vez de o discutirem sem o terem visto.

Uma das pessoas que lá estava era o Arcebispo Paul Moore, da Igreja Episcopal de Nova Iorque. Ele também esteve num pequeno encontro, depois; um jantar que tivemos. Ele disse ter sentido que o filme estava Cristologicamente correto. Contava muitas histórias; era um homem muito interessante. Depois disse-me: "vou enviar-lhe um livro". Descreveu algumas histórias do livro, descreveu os confrontos, as escolhas, entre aspas, o conceito de apostasia e de fé.

Recebi o livro alguns dias mais tarde, mas só o li um ano depois, em 1989. Tinha prometido a Akira Kurosawa, o grande realizador japonês, que entrava num filme dele, chamado "Sonhos". Queria que eu fosse o Van Gogh.

Eu estava com 15 dias de atraso na rodagem de "Tudo Bons Rapazes", o Estúdio estava furioso, o meu cameraman foi gravar outro filme e teve de vir um substituto. Estávamos num frenesim para acabar e Kurosawa estava à minha espera no Japão...

Ele tinha 82 anos de idade e já tinha gravado a maior parte do filme, faltava-lhe só gravar a minha cena. E continuava à espera...

Deu-nos cabo dos nervos. Dois dias depois de gravarmos o filme, voamos para Tóquio e daí para Okaido, e, enquanto ali estava, li o livro. Na verdade, terminei-o no TGV de Tóquio para Quioto.

Então leu o "Silêncio" enquanto estava no Japão?

- Sim.

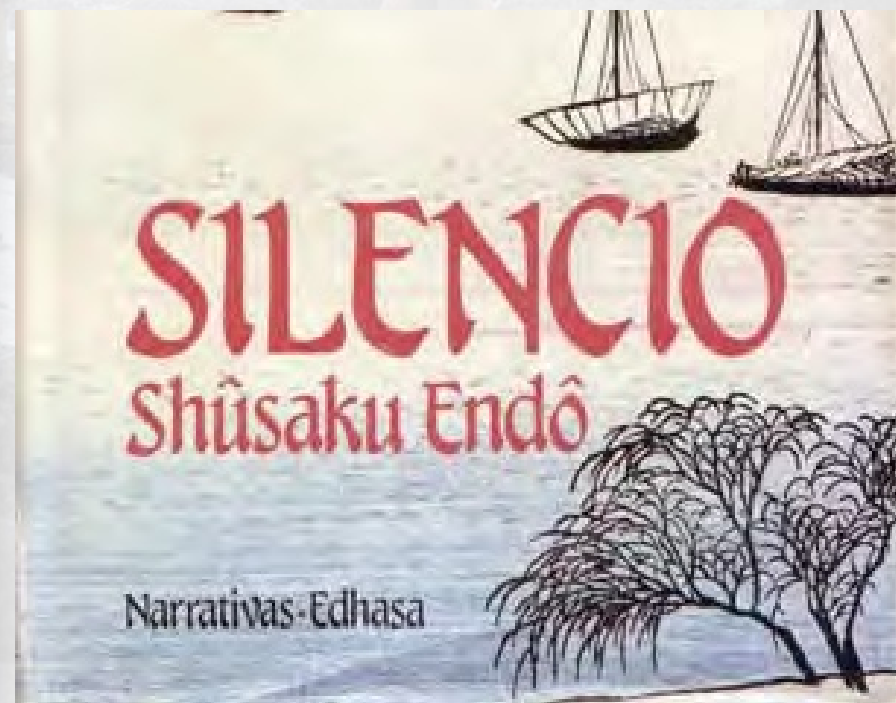
E estávamos em 1989?

- 1989. Agosto ou Setembro. Eu pensei: "Bem, a dada altura, este seria um filme incrível para se fazer". Primeiro, nem tanto. Não soube logo, enquanto estava a ler o livro, como haveria de o realizar, de o tornar real, de o encenar, porque não conhecia o coração da história. Melhor dizendo, eu não sabia, se é que o compreendi, não sabia se era realmente capaz de o interpretar.

Como é que descreveria o coração do livro?

- Acho que são as profundezas da fé. É onde cada um... É a luta pela própria essência da fé, arrancando tudo o que está à volta. Os instrumentos que cada um escolhe para chegar à fé podem ser uma grande ajuda: a Igreja, a Igreja como instituição,

os sacramentos, tudo isto pode ser muito útil. Mas em última instância, tens de ser tu próprio. E tens de a encontrar. Tens de encontrar essa fé, tens de encontrar a relação com Jesus e creio que até contigo mesmo! Porque, em última análise, é a ti que te enfrentas.



Mas o choque é que, sem contarmos o final, a personagem descobre que o que está prestes a fazer, ou o que ele faz, é a antítese do que toda a cultura cristã europeia acredita que deve ser feito.

- É verdade. E isso é que torna tão interessante contar esta história.

Como é que se pode defender isto?

Ou como é que se promove uma opção concreta?

A decisão dele. E a seguir, pões-te a ti

naquele lugar, pensas na fraqueza do espírito humano, na fraqueza da humanidade.

Há outro aspeto do filme, que é a história dos cristãos japoneses. O filme não é, obviamente, apenas sobre os Jesuítas... Como é que acha que os espetadores vão receber esta ideia de que as pessoas estão dispostas a suportar tanto sofrimento pela sua fé? Acha que nos dias de



hoje, isso é algo que se compreende, ou que se valoriza?

- Temos esse tipo de fé aqui na América? A nossa cultura reflete-a? Não sei se o faz...

A fé agora é a nossa tecnologia. Mas quando tirarem a tecnologia da tomada, ainda deve sobrar alguma coisa! Vai haver uma perceção, ou um confronto, com o próprio "eu". Eu acho mesmo que aqueles que morrem pelas suas convicções e por aquilo em que acreditam, é uma decisão tão extraordinária, que essa escolha é algo que tem de ser respeitado. Acho mesmo.

Descreve o Catolicismo, ou o Cristianismo, como uma espécie de refúgio para eles. Há pouco, descreveu o Cristianismo e o Catolicismo como um refúgio para si, para sair da maldade das ruas. Vê algum paralelo entre o que o Cristianismo ofereceu aos Japoneses e o que Ihe ofereceu a si?

- Acho que o posso encontrar, mas, de novo, tenho de respeitar a cultura.

Estive lá há algumas semanas e um dos atores comentou que não era muito religioso. Ele disse: "Mas sinto que os meus antepassados estão a olhar por mim". Fiquei surpreendido!

É outro modo de pensar. Mas temos de respeitar esse modo de pensar, temos de respeitar essa cultura.

Como é que introduzimos os elementos da fé, da fé cristã, numa cultura que é tão diferente?

Por falar nisso, foi difícil retratar...

Quero dizer, o livro fala-nos muito de oposição e tortura. Foi difícil, ou teve receio de retratar a cultura japonesa como opressiva?

- Bem... Eles estão numa ilha e há este grande país chamado China. A China sempre tentou conquistar o Japão. Havia o Kamikaze, o Vento Divino, que destruiu todos os barcos de Kublai Khan, quando eles tentaram invadir. Quero dizer, este é um lugar sagrado, é tudo o que eles têm, e eles têm de proteger a sua cultura. Têm de proteger o seu modo de viver e de pensar.

Assim que começar a deteriorar-se, deixa de haver Japão, deixa de haver cultura japonesa. Por isso, eles deixam-no muito claro. Matam as pessoas, de um modo bastante gráfico, como parte de um espetáculo público, por assim dizer. Mas o conceito último era levar aqueles que levaram a doutrina, a negar a doutrina. E isso ia resolver tudo o resto.

Como é que se sente ao ter um livro, que lhe diz tanto a nível espiritual, teve a possibilidade de o trabalhar, e agora vê o resultado... Espiritualmente, como foi para si esse processo?

- No fundo, o que acontece é que se torna como uma peregrinação em que vamos. É uma peregrinação. Ainda estamos a caminho.

Nunca vai acabar. Achei que iria, por algum tempo, mas uma vez ali, percebi que não. Mesmo durante a edição, nesta sala... Está inacabado.

Houve muitos sacrifícios, para fazermos o filme. Quer seja um bom filme, ou não - não nos cabe a nós decidir, a questão é: em certa medida, a espiritualidade ajudou-me. E é algo com que eu gostaria que os meus filhos se sentissem confortáveis, no futuro.

Quando lê o livro, há algumas cenas que certamente são muito tocantes para si e que seguramente o afetaram a um nível bastante profundo. Quando vê o seu filme, como reage a essas cenas? Da mesma forma? De modo diferente?

- Há algumas cenas no filme que me afetam. Não há dúvida nenhuma. A

dos mártires no oceano é uma cena muito bonita e enquanto ali estávamos, podíamos senti-la. Enquanto estávamos a filmá-la, podíamos senti-la.

O que é que sentia?

- Sentia a beleza e a espiritualidade do que estávamos a tentar encenar. Basta ver pelos atores, Shin'ya Tsukamoto, Yoshi Oida, que representava Jesus, Andrew e Adam. Dava a volta ao estômago, era triste e belo. Aquelas cavernas eram belas...

Quando fomos ao local, só para ver as cavernas, estava lá uma mulher a meditar. É um lugar especial e E por isso, passamos lá muito tempo, era reconfortante.

O que acha que alguém sem fé vai tirar deste filme?

- Temos noção de que muita gente vai ser crítica, especialmente quem não tem fé. O problema são as certezas, acho eu, principalmente no mundo moderno. Por causa da tecnologia e, claro, achamos sempre... Eu imagino que - não interessa em que momento histórico, mas principalmente desde a Revolução Industrial - devemos ter pensado sempre que isto era



o melhor que alguma vez haveríamos de fazer. Ou que isto é o melhor de todos os mundos possíveis. E somos tão avançados... Só que se calhar, não somos. Mas com a tecnologia, e com a possibilidade de explicar a espiritualidade através de reações químicas no cérebro, com tudo isto, acho que algumas pessoas vão ser

extremamente hostis ao filme. Ou, no mínimo, apontar os aspetos negativos da missão, por assim dizer.

Certo.

- Já houve tantos filmes e tantos livros sobre o assunto. Mas acho que isto vai além disso, isto vai à verdadeira essência do dom que eles nos trouxeram.

Então não é um retrato do missionário visto só a partir do exterior, mas é retratado mais de dentro para fora.

- Isso. E penso que, quando me perguntam porque é que demorei tanto tempo a conseguir tentar passá-lo ao ecrã, é essa a questão: de dentro para fora. Não foi a história, que é óbvia. Vai mais fundo.

Ontem dizia a alguém...

Perguntaram-me outra vez, sobre "A Última Tentação", e eu disse: "Sim, eu sei". Perguntaram-me se era uma derivação e eu respondi que não.

"A Última Tentação" aconteceu...

Onde eu estava naquele momento, na minha própria busca. E isso partiu numa determinada direção, enquanto isto seguiu uma direção diferente. Isto foi mais fundo. O que percebi depois daquele filme, para mim, estou a falar disto a nível pessoal, que tinha de ir mais fundo e que não ia ser fácil. Não estou a dizer que me tornei mais profundo, mas que tinha de tentar.

Interessante. Entende a profundidade como estar mais despojado?

- Sim, mas também no verdadeiro sentido do que é a compaixão.



Porque no fim o que interessa é a relação dele com Jesus.

- Sim.

Como é que fazer este filme influenciou a sua vida de fé, ou a sua espiritualidade?

- Acho que me obrigou a olhar de outro... Olhar mais de perto é uma frase fácil, mas a contemplar e a aceitar. Cheguei a um certo ponto em que, sobretudo porque a minha vida pode estar para acabar, ficamos mais velhos. E também porque estou rodeado de pessoas que me são muito próximas. Estou a descobrir que, na verdade, foram elas que, sem intenção, em conjunto com esta história, me ajudam a clarificar o que é a vida. De certo modo, é como um dom. Se estou à altura? Não sei.

Honestamente, não creio, mas a solução é continuar a tentar. É só isso. Mas...

E eu pensei por muitos anos, noutros caminhos, outros modos de pensar, outros sistemas políticos, economias, outros aspetos. Outras religiões! Mas as minhas raízes estão aqui e então tive esperança de encontrar um lugar onde pudesse explorar essas raízes e esses sentimentos. Quer dizer, essas raízes e esses...

Como hei de explicar? Essas raízes e esses pensamentos, essas contradições, de um modo inteligente, mas sempre dentro da fé cristã.

Muitos parabéns por este filme tão bonito.

- Obrigado.





Silêncio, de Martin Scorsese, um thriller teológico

O filme 'Silêncio', do realizador norte-americano Martin Scorsese, apresenta a experiência dramática da missão no Japão do século XVII, entre o martírio e a apostasia de leigos e padres, incluindo jesuítas portugueses. A obra, com estreia marcada para 19 de janeiro, em Portugal, segue de perto o romance homónimo do católico japonês Shusaku Endo, num "thriller teológico" que aborda a relação entre o Cristianismo e a mentalidade

japonesa, como é explicado numa edição especial da revista 'La Civiltà Cattolica', dos jesuítas italianos. O filme de Martin Scorsese evoca, sobretudo, a perseguição de milhares de cristãos no território nipónico, com interpretações de Liam Neeson, Adam Driver, e Andrew Garfield. O realizador centra o seu trabalho no percurso de dois personagens, identificadas como jesuítas portugueses, Sebastião Rodrigues e Francisco Garupe - particularmente

no primeiro -, que partem à procura de outro sacerdote da Companhia de Jesus, Cristóvão Ferreira (1580-1650), este uma figura histórica, que teria renunciado à fé cristã após ser torturado.

Em entrevista à 'Civiltà Cattolica', Scorsese disse que a diferença entre os padres Ferreira e Rodrigues é que o último "ouve Jesus falar com ele". "Não sabemos, historicamente, aquilo em que o padre Ferreira acreditava ou não, mas no romance de Endo parece que ele perdeu mesmo a sua fé", acrescentou.

A apostasia concretizava-se pisando a imagem do próprio Cristo, representado num 'fumie' - um retrato em bronze enquadrado numa pequena moldura de madeira.

O realizador consultou a equipa dos Arquivos Jesuítas Romanos (Archivum Romanum Societatis Iesu - ARSI) e outros especialistas jesuítas, para preparar o argumento.

O filme aborda questões como o silêncio de Deus diante do sofrimento dos crentes, o mistério sobre o rosto de Jesus ou a natureza da traição à fé cristã - a apostasia - em condições extremas. O jesuíta norte-americano James Martin serviu de consultor durante todo o processo de concepção do filme.

O padre Hermínio Rico, também jesuíta, foi um dos primeiros a ver a obra e fala do "génio de Scorsese" que "acrescenta à história uma grande beleza e uma exigente, mas equilibrada, carga emocional".





dossier

Evangelização e mártires do Japão



O Japão foi evangelizado pelo jesuíta São Francisco Xavier, entre 1549 e 1552, a pedido da Coroa Portuguesa, mas poucas décadas depois comunidade católica vivia uma dura perseguição: os primeiros mártires, encabeçados por São Paulo Miki

(crucificados em Nagasáqui em 1597), entre os quais o português São Gonçalo Garcia, foram canonizados em 1862 por Pio IX. Outros 205 católicos foram beatificados em 1867, entre eles João Baptista Machado, Ambrósio

Fernandes, Francisco Pacheco, Diogo de Carvalho e Miguel de Carvalho (todos da Companhia de Jesus), Vicente de Carvalho (religioso agostinho), e Domingos Jorge (leigo, cuja esposa japonesa e filho também foram martirizados). Os católicos que sobreviveram à perseguição tiveram de ocultar-se durante 250 anos, até à chegada de missionários europeus no século XIX.

João Paulo Oliveira e Costa explica no 'Dicionário de História Religiosa de Portugal' que com o édito de expulsão de 1614, a grande maioria dos missionários regressou a Manila e a Macau. Ainda assim, ficaram algumas dezenas no Japão, bem como os milhares de fiéis.

Em 1637 deu-se uma revolta de camponeses em Shimabara e Amakusa. Dada a forte presença cristã nestas regiões, o confronto ganhou uma dimensão religiosa; o cristianismo entrou, assim, na sua vivência clandestina que perdurou até à reabertura do Império ao Ocidente, na segunda metade do século XIX. Os portugueses foram definitivamente expulsos do Japão em 1639.

O Papa Francisco tem repetido elogios às comunidades nipónicas, que receberam e conservaram a sua fé "mesmo no meio de séculos de perseguição", falando num país de "cristãos escondidos".



«Permanecer firme num ambiente de extrema perseguição»

O provincial da Companhia de Jesus (Jesuítas) em Portugal considera que o filme 'Silêncio', de Martin Scorsese, é uma oportunidade de confrontar-se “várias dimensões se calhar diferentes”, a começar pela página histórica do “encontro difícil entre o cristianismo e o ocidente, e as tradições japonesas”.

“Possivelmente associamos sempre ou louvamos a dimensão do êxito da missão mesmo quando foi difícil como o martírio mas aqui também nos cabe visitar este avesso da dificuldade de permanecer firme num ambiente de extrema perseguição”, explicou o padre José Frazão.

O sacerdote assinala que a partir do filme ou do romance homónimo de Shusaku Endo em que é baseado vê-se o que significa ser fiel “não apenas da fé pessoal” mas também da fé partilhada por outros cristãos. Para o provincial dos Jesuítas em Portugal o filme 'Silêncio' é oportunidade para “revisitar a questão dramática da fé” e “quase equivoca” de várias perspetivas possíveis para enquadrar ou visitar a adesão a Jesus Cristo “e da sua visibilidade pública e transmissão”.

O professor universitário João Paulo Oliveira e Costa assinala que a “história pode ser sempre uma lição”, neste caso, no contexto da intolerância religiosa porque “desde que o homem intuiu o divino” que existiram “fenómenos de intolerância seja pela imposição, seja pela rejeição”.

“O caso japonês é muito particular, é o caso de um país que sendo confrontado com outra religião a rejeitou através do Estado. Não é totalmente comparável com as situações de perseguição religiosa nos nossos dias, de qualquer maneira tudo o que é meditar sobre a intolerância e o diferente é bom”, desenvolveu o historiador.

Os entrevistados falaram à Agência ECCLESIA à margem da conferência 'Portugal e o Japão – história de um sucesso malsucedido', esta quarta-feira, no Museu do Oriente em Lisboa que contou ainda com a participação dos jornalistas Clara Ferreira Alves e Joaquim Franco. O filme 'Silêncio', sobre a missão no Japão a partir da Companhia de Jesus no Japão, para o padre José Frazão não permite ter uma leitura

a “branco e preto, bem e mal”, afirmação da fé pelo martírio ou negação da fé pela apostasia, afinal a “questão é mais complexa” e o realizador “consegue manter a complexidade da fé” presente no romance.

Para o provincial dos Jesuítas em Portugal contrário ao contexto atual de aproximação à fé “muito light, muito a la carte” no filme percebe-se essa afirmação do que é que faz permanecer firme na fé “num contexto de grande perseguição, grande sofrimento”.

Segundo o sacerdote, tanto o livro

como agora o filme “põem em reserva um juízo demasiado fácil”. A personagem principal renuncia à fé, “publicamente como Jesuíta, como padre da Igreja Católica” mas percebe-se que “no íntimo deste padre há um percurso de fé”.

“Estamos longe de afirmar que a sua apostasia pública seja renúncia à fé no mais íntimo do seu coração. Torna extremamente problemática a questão mas também muito interessante”, acrescentou o padre José Frazão sobre uma página que retrata o encontro do cristianismo com a cultura tradicional japonesa, do encontro entre





o ocidente e o oriente.

João Paulo Oliveira e Costa, que vai ver e analisar o 'Silêncio' com os alunos de mestrado e licenciatura, considera que as pessoas de boa-vontade podem "aproveitar" o filme para "meditar sobre as dificuldades da religião".

Segundo o historiador, os cristãos em particular e ocidentais em geral "não têm bem noção" que o "maior

choque" no Japão está relacionado com uma das dimensões que "parece óbvia" mas não é assim para "todo o ser humano" porque as religiões "não pedem dedicação exclusiva".

"Nós adeptos fieis da religião do livro – muçulmanos, cristãos, judeus – temos entendimento da religião como algo exclusivista. No mundo oriental as pessoas podem visitar, rezar

e respeitar diferentes religiões simultaneamente", observou. Para o docente meditar sobre essas diferenças "é muito importante" e o filme de Martin Scorsese "é oportunidade" para pensar sobre a forma como o ser humano se relaciona com o divino.

"Um choque que vem até aos nossos dias, é que muçulmanos, cristãos, judeus podem achar que têm a verdade absoluta atrás de si e do outro lado um mundo que acha que a verdade é sempre relativa", acrescentou.

Em 2016, o historiador esteve no país do sol nascente onde assistiu a cerimónias dos atuais cristãos ocultos,

que em séculos de separação de cristianismo "derivaram numa espécie de animismo" e continuam a achar que "têm uma entidade própria", qualquer coisa "com o Senhor da Cruz".

João Paulo Oliveira e Costa destaca o "sinal da intensidade da religião" e sublinha que a missionação japonesa foi das "mais extraordinariamente bem conseguido".

"Se hoje não é cristão foi porque um processo religioso que estava em curso e a ganhar velocidade galopante foi interrompido bruscamente e artificialmente pelo poder político", analisa, "como acontece hoje" com a adesão na Coreia do Sul.



Cristovão Ferreira, o jesuíta por trás do *Silêncio*



Se pudéssemos voltar à Europa do século XVII, as perguntas que surgem com *Silêncio*, o novo filme de Martin Scorsese, não cairiam fora de contexto. Quem foi Cristóvão Ferreira? O que fez? O que disse? Hoje, como antes, são poucas as coisas que podemos afirmar com absoluta certeza sobre este jesuíta português, à volta do qual se construiu o livro "*Silêncio*", de Shusaku Endo, e que dá agora origem ao filme do realizador americano. Ainda assim, conhecemos alguns aspetos que certamente ajudarão a compreender melhor a narrativa do filme.

Cristóvão Ferreira, conhecido no Japão por Sawano Ch'an, nasceu em Torres Vedras em 1580. Entrou na Companhia de Jesus aos 17 anos e, logo em 1600, foi enviado para trabalhar nas missões do Oriente. Estudou Teologia em Macau e foi ordenado padre em 1608.

Partiu para o Japão no dia 16 de maio de 1609, embarcado no Nossa Senhora da Graça. Esteve primeiro em Arima, onde se dedicou a estudar Japonês e a ensinar Latim. As primeiras manifestações da perseguição religiosa que marcou as décadas seguintes começaram a surgir logo depois.

Em 1612 o seminário foi fechado e os missionários forçados a sair da cidade. Depois de uma breve passagem por Nagasáqui, Ferreira foi enviado para Quioto. A comunidade cristã era então muito numerosa, contando com cerca de trinta mil fiéis, só naquela região. Não deixou de surpreender, portanto, que no início de 1614 se procedesse ao registo e expulsão de todos os cristãos. O superior da comunidade de Quioto decidiu registar apenas alguns dos que ali viviam, devendo permanecer na clandestinidade os que fossem menos conhecidos. Entre eles ficou Cristóvão Ferreira, que vivia escondido, saindo apenas de noite para visitar os cristãos daquela cidade e de algumas povoações vizinhas.

Em 1617, o padre Provincial, Matheus de Couros, chamou-o para Nagasaki. Nesses anos em que foi secretário do Provincial, tinha de estar em permanente contacto com todos os outros Jesuítas. Era ele quem distribuía os medicamentos e provisões e quem administrava o dinheiro, bem como as outras coisas necessárias ao funcionamento das diversas comunidades (por exemplo, o vinho de Missa). Por esta razão, viajava frequentemente pelo Japão,

mesmo correndo o risco de ser descoberto e preso.

Depois de uma breve passagem por Osaka, onde foi superior da missão no Japão Central, regressou a Nagasáqui. Com a morte do Padre Matheus de Couros, e uma vez que era o Jesuíta professo mais antigo na Província, assumiu a sua administração como locumtenens, ou seja, Provincial não nomeado pelo superior Geral dos Jesuítas. Um ano mais tarde, a 18 de Outubro de 1633, Cristóvão Ferreira foi finalmente preso, juntamente com outros religiosos, tanto missionários estrangeiros, como japoneses. Foi-lhes aplicada a tortura da fossa, método exclusivamente destinado aos cristãos para que negassem a sua fé.

Os holandeses do tempo (aliados comerciais do Império Nipónico e, por serem protestantes, antipáticos à pregação católica) relatam a prática como um dos suplícios mais insuportáveis, entre os que eram infligidos pelas autoridades japonesas. Consistia em pendurar os prisioneiros de cabeça para baixo dentro de uma fossa que era depois coberta com tábuas. Os cristãos ficavam, assim, sem luz e sem água, fortemente



amarrados, até abjurarem ou morrerem.

Cristóvão Ferreira, apesar de toda a sua atividade apostólica reconhecida e esforçada, cedeu ao fim de algumas horas. Tinha 53 anos de idade; 37 de Companhia de Jesus. A notícia da sua apostasia chocou uma Europa que olhava para o martírio como a mais gloriosa morte.

Não parecia ser possível que Cristóvão Ferreira renegasse a sua fé em Jesus Cristo e vários missionários partiram

para o Japão para o encontrar e convencer a regressar à fé e a entregar a sua vida. Alguns foram torturados e cederam à apostasia; alguns, porém, acabaram por dar ali a sua vida. Desses, que morreram depois de submetidos à tortura da fossa regista-se o nome de pelo menos três jesuítas: Kassui Pedro; Marcello Mastrilli e Rubino. Quanto a Cristóvão Ferreira, foi forçado a viver com a viúva de um prisioneiro executado, passando

o resto da sua vida no Japão e servindo de intérprete para as autoridades japonesas. Não é possível afirmar com total exatidão as circunstâncias da sua morte. As únicas fontes que conhecemos dizem-nos que, ao chegar a uma idade mais avançada, se arrependeu de ter renegado a fé. Tendo disto sabido, as autoridades japonesas de novo o terão prendido e condenaram-no mais uma vez à fossa. Ali terá morrido a 4 ou 5 de novembro de 1650.

Por seu turno, Sebastião Rodrigues é uma personagem criada pelo livro "Silêncio", de Shusaku Endo, baseada no Jesuíta italiano Giuseppe Chiara. Este Jesuíta chegou a Oshima em Chikuzen a 27 de junho de 1643

integrado num grupo de dez missionários que procurava Cristóvão Ferreira. Juntamente com os seus companheiros foi imediatamente capturado. Posteriormente, no julgamento a que foram sujeitos, Cristóvão Ferreira terá servido de intérprete. Todos estes missionários terão renegado a fé sob o peso da tortura da fossa e ter-se-ão retratado mais tarde. Giuseppe Chiara morreu em Edo a 24 de agosto de 1685, tendo dito anteriormente que permanecia cristão.

*Síntese do texto de Hubert Cieslok
"The case of Cristóvão Ferreira",
Monumenta Niponica, Primavera,
1974 - 1-54*





Atores praticaram durante meses os exercícios espirituais jesuítas

O padre jesuíta James Martin, consultor de Martin Scorsese para o filme "Silence" (Silêncio) destaca um projeto que "interpela profundamente a fé e a vida" e que desafiou os atores na sua "espiritualidade".

Numa entrevista difundida pela Companhia de Jesus em Portugal, o padre James Martin aponta três questões fundamentais presentes na nova obra de Martin Scorsese. Em primeiro lugar "o que é que Deus pede" a cada pessoa e como lidar

quando esta pergunta parece ter apenas como resposta "o silêncio". A apostasia não é uma coisa boa", mas aqui "aparece como expressão de compaixão", diz o padre James Martin, lembrando que "os inquiridores japoneses diziam aos jesuítas que se não negassem a fé eles fariam mal aos cristãos". Sebastião Rodrigues, a personagem principal do filme, interpretada por Andrew Garfield, é a expressão mais visível desta luta interior, deste

esforço em perceber o que Deus pede em determinada situação, neste caso na situação limite de "renunciar à fé". "Rodrigues chega a um ponto em que a coisa certa a fazer parece ir contra tudo aquilo que lhe foi ensinado, contra aquilo que a cultura cristã diria ser a atitude correta a tomar, e até os seus colegas jesuítas em Portugal", refere o padre James Martin. Daí que o filme "Silence" também coloque questões essenciais relacionadas com a "fidelidade" e a "missão". "Hoje em dia o trabalho missionário é frequentemente denegrido e mesmo atacado. Mas eu costumo perguntar às pessoas; deixariam tudo para trás para viajarem para o outro lado do mundo, para proclamarem com risco de vida o Evangelho a pessoas que, na vossa pátria, a maioria pensa que nem são dignas de evangelização? Para mim os missionários continuam a ser grandes heróis", sustenta o padre James Martin.

O sacerdote jesuíta ajudou o realizador Martin Scorsese e o argumentista Jay Cocks no aperfeiçoamento do guião original. "Basicamente o que queriam saber era o que é que um jesuíta pensaria

em determinada situação, o que é que faria, o que diria e mesmo como rezaria", explica o membro da Companhia de Jesus, que partilha o desafio que este projeto representou para os atores e sobretudo para Andrew Garfield. Para ajudá-los a entender o seu papel, o sacerdote trabalhou com eles os chamados 'Exercícios Espirituais', uma prática de oração criada por Santo Inácio de Loiola, o fundador da Companhia de Jesus. "Percorremos todas as etapas dos exercícios, desde o início ao fim, durante vários meses, o que permitiu ao Andrew entender o seu papel mas também foi uma experiência muito pessoal para ele. Uma vez mergulhando nos exercícios deixa de ser apenas um projeto a fazer mas também algo entre nós e Deus", frisa o padre James Martin.



Silence visto por um jesuíta português em Roma

O padre jesuíta António Ary diz que o filme “Silence”, de Martin Scorsese, sobre a Companhia de Jesus no Japão, é uma obra desafiante porque envereda por um percurso pouco habitual para quem reflete sobre a fé.

Em entrevista à Agência ECCLESIA, o sacerdote atualmente a estudar Direito Canónico em Roma conta como foi a experiência de assistir,

em primeira mão, à mais recente obra do realizador norte-americano, em novembro de 2016. “É um filme forte, que impressiona bastante pela história e pelas imagens”, realça o padre António Ary, que destaca depois o ângulo de abordagem que “faz pensar” porque está “mais centrado nas fragilidades” da fé do que nas suas forças, que no limite levam ao “martírio”.



“Não é de todo um filme épico ou apologético e daí o seu interesse. Nós ouvimos muito, e lemos, rezamos a história dos santos, dos mártires, e pouco temos contacto com o outro lado, com quem sofreu a perseguição e acabou por negar a fé”, realça o padre António Ary. Questionado sobre se esta obra poderá de alguma forma influenciar a imagem que se tem da Companhia de Jesus, o sacerdote diz que não devem existir quaisquer complexos nesse campo. “Nós não pretendemos como jesuítas ter tido apenas heróis e santos, somos pessoas normais com as nossas fragilidades”, salienta o jovem que entrou na Companhia de Jesus em 2005 e foi ordenado sacerdote em 2016.

O padre António Ary viu o filme na companhia de cerca de 400 colegas da congregação, na sequência da ida do realizador Martin Scorsese a Roma para a apresentação do projeto, viagem que incluiu uma audiência com o Papa Francisco, também ele jesuíta.

Para o sacerdote português, nascido em França, trata-se de uma obra que “põe em imagens coisas muito concretas”, não só o que significa

“renunciar à fé”, todo o drama pessoal e espiritual que isto encerra, mas “sobretudo o desejo missionário” que sempre caracterizou a Companhia de Jesus.

A aposta da congregação em “acompanhar comunidades que já existiam mas que estavam sobre perseguição”. “E ilustra bem o que é o desejo da Companhia de levar o nome de Jesus e sobretudo ajudar outros a viver e conhecer a sua fé”, completa o padre António Ary.

Numa altura em que estão em marcha processos de canonização para diversos jesuítas portugueses que foram martirizados no Japão, o sacerdote acredita que esta película poderá ajudar a despertar a curiosidade do público em geral à volta da congregação, a conhecer melhor a sua história e carisma.

Quanto aos cristãos, o jesuíta português radicado em Roma admite que o filme “Silence” possa levar as pessoas a questionarem mais a sua fé, o modo como a vivem e testemunham. Isto porque retrata uma forma de assumir a fé bem mais radical do que por exemplo caracteriza o mundo “ocidental”, conclui.



Programa cultural evoca experiência portuguesa no Japão

Com a chegada do filme 'Silêncio' a Portugal, o Museu do Oriente, o Museu de São Roque e a FNAC serão palco de um vasto programa cultural, desenvolvido em cooperação com a Companhia de Jesus que trará, para a opinião pública, o debate e a reflexão sobre o papel dos jesuítas em Portugal e no mundo, a perseguição religiosa, as relações entre Portugal e o Japão, a arte e a religião.

Museu de São Roque - Lisboa

- Exposição "Japão: a última carta de um mártir"

De 19 de janeiro a 19 de fevereiro
Esta exposição fala do tema do martírio e tem como mote o testemunho de Miguel Carvalho, o jesuíta português que já foi beatificado e que é contemporâneo dos portugueses retratados no filme de Scorsese. Na véspera de ser martirizado a 25 de agosto de 1624, Miguel Carvalho, despede-se do seu irmão Simão de Carvalho, através de uma carta. Este documento foi conservado através de gerações e será pela primeira vez apresentado ao público pelo Museu de São Roque.
Entrada: 2,5 € (gratuita ao domingo). Mais informações no website do Museu de São Roque.

- Percurso pedestre - Silêncio: pelos caminhos de Cristóvão Ferreira, em Lisboa

22 janeiro, às 10h00 – ponto de encontro Portaria do Hospital de São José (antigo Colégio de Santo Antão-o-Novo).
O itinerário pelos lugares da Companhia de Jesus em Lisboa leva-nos a conhecer a importância que esta congregação religiosa, fundada em 1540 por Inácio de Loyola, teve na sociedade e cultura portuguesa. Do antigo noviciado da Cotovia, passando pela Casa Professa de São Roque, à aula da esfera em Santo Antão-o-Novo, terminando na Ribeira de Lisboa, este percurso permite ir ao encontro de memórias e lugares



passados que ainda hoje moldam o presente. Foram também estes alguns dos passos de Cristóvão Ferreira (personagem do filme) em Lisboa.

Iniciativa promovida pelo Museu São Roque e apoiada pela revista Time Out Lisboa.

- Visita temática guiada ao Museu e Igreja de São Roque sobre os mártires do Japão

6 de fevereiro, às 15h00
No dia em que se recorda alguns dos mártires do Japão, o Museu de São Roque organiza uma visita às peças da sua coleção que testemunham

a presença cristã no Japão e a experiência do martírio.

FNAC

Um Urban Sketcher jesuíta português e uma Urban Sketcher japonesa juntaram-se para ilustrar, nos seus blocos de papel, o trailer do filme Silêncio. O resultado deste trabalho conjunto do Padre Nuno Branco, SJ com a artista japonesa Kumi Matsukawa será exposto nas FNAC Chiado e Santa Catarina. Lisboa - FNAC Chiado – 17 de janeiro
Porto - FNAC Santa Catarina – 25 de janeiro
Entrada gratuita.



- Tertúlia

Fé: Silêncios e Limites
27 de janeiro, 18h00, Auditório B -
Reitoria da Universidade Nova de
Lisboa (polo de Campolide)
Encontro de reflexão e debate
sobre

os limites existenciais e espirituais
da fé. Aberto a todos, mas
especialmente dirigido aos mais
jovens.

Com Carla Rocha; Henrique
Raposo; Jacinto Lucas Pires; P.
Pedro Rocha Mendes, sj.



Museu do Oriente

A mais recente obra do realizador
norte-americano Martin Scorsese
inspira um programa de iniciativas
gratuitas no Museu do Oriente, de
11 a 28 de Janeiro, centradas no
contexto histórico e religioso do
relacionamento entre Portugal e o
Japão.

O programa inicia-se com a
conferência "Portugal e o Japão:
história de um sucesso mal
sucedido", no dia 11 de Janeiro, às
18h00, que conta com a
participação do Padre José Frazão
(Provincial dos Jesuítas), do
historiador João Paulo Oliveira e
Costa e de Clara Ferreira Alves
(jornalista), com moderação

de Joaquim Franco (jornalista).
Em três visitas guiadas à exposição
"Presença Portuguesa na Ásia" - a
14, 21 e 28 de Janeiro, às 16h00 -,
peças seleccionadas servem de
ponto de partida para explorar
diferentes perspetivas da história do
relacionamento Portugal-Japão e o
seu legado. A primeira, orientada
pelo Padre António Júlio Trigueiros,
é subordinada ao tema "Xavier - o
começo da missão no Japão",
seguindo-se "Presenças jesuítas na
coleção do Museu do Oriente" (por
Joana Belard da Fonseca, do Museu
do Oriente) e "O Cristianismo no
Oriente" (pelo historiador João
Paulo Costa).

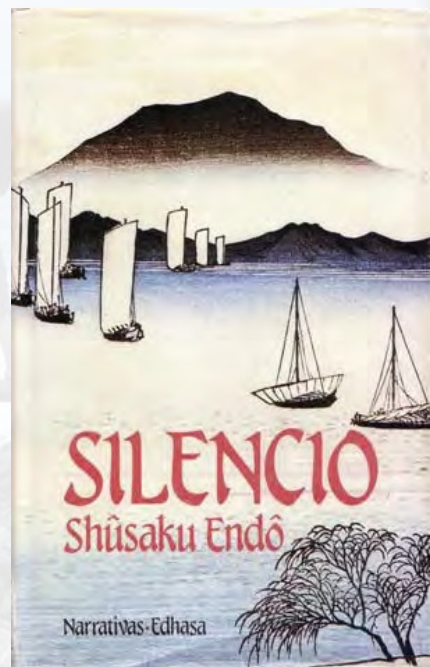


Chinmoku

É aos escritor japonês Shusaku Endo que devemos a obra *Silêncio* (Chinmoku), que decorre na era dos 'Kakase Kirishitan' (cristãos escondidos). Publicado em 1966, o livro é visto como uma referência literária do século XX, tendo sido traduzido em diversas línguas, incluindo o português.

O mais importante romance de Shusaku Endo cruza o país do Sol Nascente com o Rio Tejo, de onde partem missionários jesuítas como o padre Sebastião Rodrigues, uma personagem central do livro, que em 1640 embarca rumo ao Japão determinado a ajudar os cristãos japoneses, brutalmente oprimidos, e a descobrir a verdade sobre o que aconteceu ao seu antigo mentor - Cristóvão Ferreira.

Shusaku Endo (1923-1996) escreveu a partir da perspetiva de japonês e católico. Nascido em Tóquio, Endo foi batizado aos 11 anos; formou-se em Literatura Francesa, pela Universidade de Keio, e estudou durante algum tempo em Lyon como bolseiro do Governo japonês. Começou a escrever romances em 1958, sendo visível a sua preocupação com temas cristãos, incluindo "A vida



de Jesus". A comparação com escritores do Ocidente acabou por ser inevitável, em particular com Graham Greene. A maior parte das personagens de Endo têm de lidar com complexos dilemas morais, com escolhas que levam a resultados trágicos, por vezes. Na sua novela 'Silêncio', Endo coloca

dois jovens portugueses, Sebastião Rodrigues e Francisco Garupe a partir de Macau rumo ao Japão, colocando-se em perigo pessoal para descobrir a verdade sobre as notícias que davam conta da defeção do padre Ferreira. Ali encontram comunidades cristãs que rezam e praticam a sua fé de forma velada, receando pela sua vida. Garry Wills, vencedor do Prémio Pulitzer e historiador, sublinhava que Endo explora o paradoxo de padres que renunciam à fé, "não por fraqueza, mas por amor, para poupar aos cristãos conversos da perseguição que tinha sido lançada contra eles".

Para outros, no entanto, há na obra de Endo uma imagem injusta dos seus

antepassados cristãos, que viveram a fé com heroísmo. Muito citada é a ideia defendida pelo professor Yanaibara, da Universidade Protestante de Doshisha: "Os mártires ouviram a voz de Cristo, mas para Ferreira e Rodrigues essa voz não se fizera ouvir. Não significará isto que esses padres já não tinham fé desde o princípio?". No filme, tal como no livro, confrontamo-nos com uma narrativa que apresenta a dura relação entre culturas muito distantes, bem como o conflito ético pessoal destes missionários, que foi usado contra o Cristianismo por parte das autoridades do Japão.



Plataforma de Apoio aos Refugiados online

<http://www.refugiados.pt/>

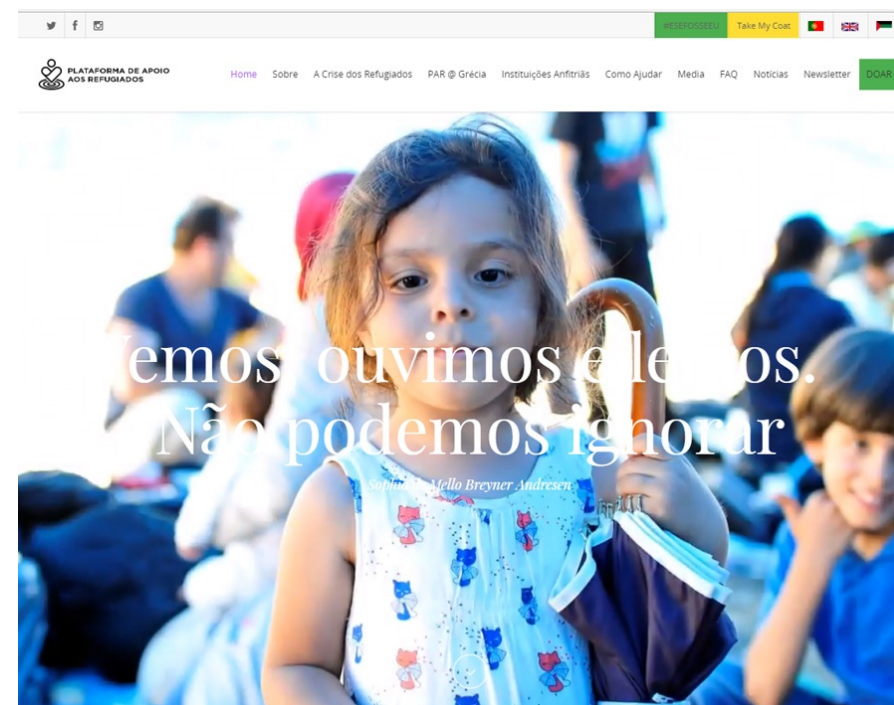
No próximo dia 15 a igreja assinala o Dia Mundial do Migrante e Refugiado. Este ano, sob o lema "Migrantes de menor idade, vulneráveis e sem voz", o Papa Francisco na sua mensagem para esta ocasião sente "o dever de chamar a atenção para a realidade dos migrantes de menor idade, especialmente os deixados sozinhos". Pede ainda a "todos para cuidarem das crianças que são três vezes mais vulneráveis – porque de menor idade, porque estrangeiras e porque indefesas – quando, por vários motivos, são forçadas a viver longe da sua terra natal e separadas do carinho familiar." Assim, esta semana, a minha proposta passa, mais uma vez, pela sugestão de visita atenta e cuidada ao sítio da PAR - Plataforma de Apoio aos Refugiados. Ao digitarmos o endereço www.refugiados.pt encontramos um espaço digital muito bem produzido, quer ao nível gráfico bem como ao nível dos conteúdos apresentados. Na página inicial dispomos dos principais destaques, de alguns vídeos com testemunhos de várias personalidades que apoiam este projeto e ainda ligações para as principais redes

sociais (twitter, facebook e instagram). Ao clicarmos em "sobre", podemos ficar a saber quem são os membros fundadores, os membros aderentes, quais as entidades que apoiam este projeto e ainda submeter um formulário de inscrição de novos membros. É ainda possível perceber que resumidamente se pode afirmar que a "missão das organizações da sociedade civil reunidas nesta plataforma assumem a promoção de uma cultura de acolhimento, de apoio aos refugiados, quer na sociedade portuguesa, quer nos países de origem e de trânsito". Caso ainda não tenha percebido exatamente qual o verdadeiro problema desta crise que assola a Síria e restantes países islâmicos basta que aceda a "crise de refugiados". Aí rapidamente encontrará um conjunto de vídeos com testemunhos e infográficos explicativos que irão ajudar imenso nesta compreensão e/ou aprofundamento. Em "como ajudar" descobre que existem formas bastante concretas de colaborar efetivamente com este projeto. Seja através da PAR – Famílias, onde o que se pretende é que exista um "acolhimento e integração de crianças refugiadas e suas famílias

em Portugal, em contexto comunitário, disperso pelo país". Ou pelo PAR – Linha da frente, que atualmente se encontra ativa em duas frentes. Esta ação passa pela promoção de uma "campanha de recolha de fundos, com o apoio dos média, para o trabalho da Cáritas e do JRS, no Líbano e na Grécia (Grécia e ilha de Lesbos), no apoio a refugiados e deslocados internos". E temos ainda uma forma de colaborar com a UNICEF, enviando um donativo

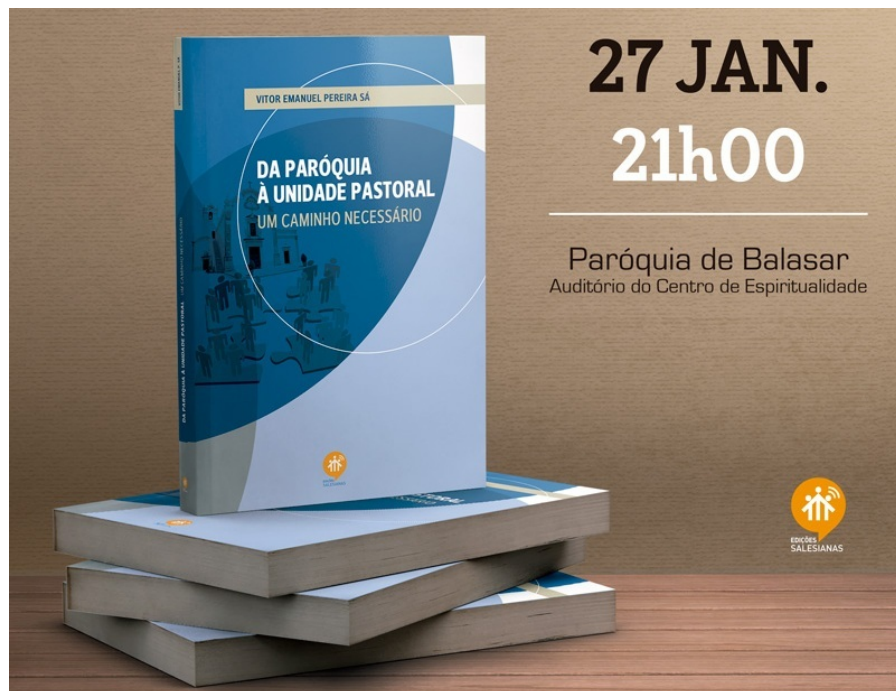
para esta organização mundial que o reencaminhará para apoiar as crianças Sírias. Muito haveria para dizer sobre toda esta extraordinária plataforma. Penso que o melhor será mesmo aderir quanto antes e divulgar pelo maior número de pessoas, porque "vemos, ouvimos e lemos" e portanto "não podemos ignorar".

Fernando Cassola Marques





Da Paróquia à Unidade Pastoral



27 JAN.
21h00

Paróquia de Balasar
Auditório do Centro de Espiritualidade



D. Francisco Senra Coelho vai apresentar a obra «Da Paróquia à Unidade Pastoral - um caminho possível», da autoria do diácono Vítor Sá, no próximo dia 27, em Balasar (Braga).

Neste livro “ousa-se (re) pensar a

paróquia” e propor um “novo modelo organizativo e pastoral a partir do pensamento do Casiano Floristán, o autor defende a constituição das unidades pastorais como um caminho necessário à edificação de paróquias onde não faltem o sentido de missão

e sentimento de pertença”, lê-se na nota enviada à Agência ECCLESIA. De forma “séria e concisa”, o autor aprofunda os conceitos de “Paróquia”, “Conselho Pastoral” e “Unidade Pastoral”, refere.

A obra que vai ser apresentada, pelas

21h00, no auditório do Centro de Espiritualidade Salesiano, é o resultado do estudo que o atual diácono ao serviço na Paróquia de Balasar realizou para obtenção do grau de mestre na área de Teologia, pela Universidade Católica de Braga.

Editora Paulus lança obras e promove conferências

A editora Paulus promove, dia 14 deste mês, na Igreja de São José das Taipas, no Porto, uma conferência sobre «Eutanásia o que está em causa?» proferida por Luís Paulino Pereira. Esta iniciativa que decorre naquela igreja da cidade portuense decorre às 21h30 e o conferencista é o autor do prefácio do livro «Contra a Eutanásia».

No Centro Católico de Cultura, em Vila Real, dia 20 deste mês, às 21h15, vai ser apresentado por D. Amândio Tomás a obra «Quero acordar a Aurora», de D. Manuel Linda, bispo das Forças Armadas e de Segurança.

Com apresentação de D. Jorge Ortiga, arcebispo de Braga, vai ser lançada, dia 28 deste mês, pelas 12h00, a obra «Cuidados Paliativos. Diagnóstico e intervenção espiritual» na Casa de Saúde São João de Deus, em Barcelos, revela um comunicado enviado à Agência ECCLESIA.



II Concílio do Vaticano: Mário Soares admirava Paulo VI e São Paulo



Apesar de se confessar agnóstico, Mário Soares admirava o Papa Paulo VI porque “deu força ao Concílio” e acreditava “no amor ao estilo de S. Paulo”. Estas declarações do antigo Presidente da República, que faleceu a 07 de janeiro de 2017, foram feitas à Agência ECCLESIA em abril de 2009, no Hospital de São João, no Porto.

O antigo presidente da Comissão da Liberdade Religiosa centrava a sua esperança «na condição humana» porque “nunca” foi “tocado pela graça da fé» e explicou que “aqueles que têm a graça da fé têm um privilégio sobre os outros porque acreditam na outra vida. Isto dá força às pessoas”.

Mário Soares seguiu com atenção o II Concílio do Vaticano até porque fez parte da revista «Tempo e o Modo». A amizade com António Alçada Baptista, Gonçalo Ribeiro Telles, Sophia de Mello Breyner e Francisco Sousa Tavares marcou a relação de Mário Soares com o Centro Nacional de Cultura. Logo a partir de 1958, ano de início da aventura da Moraes, houve “a tomada de consciência da importância para a causa democrática dos católicos inconformistas”, lê-se no site do Centro Nacional de Cultura.

A candidatura de Humberto Delgado e a atitude crítica do Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, abriram novas perspectivas, para além da oposição tradicional. Mário Soares considerou desde cedo que havia de reforçar uma frente que lançasse as bases de um regime democrático aberto e pluralista, que prevenisse os erros da Primeira República.

Em 1963 a revista «O Tempo e o Modo» nasce de um compromisso cultural e político, que envolve o grupo de Alçada Baptista e João Bénard da Costa, Mário Soares, Francisco Salgado Zenha e a juventude representada por Jorge Sampaio. É um entendimento premonitório que se revelará, no domínio cultural, não sem vicissitudes, como fundamental na construção da democracia. E sabe-se hoje que muitos milicianos e jovens militares, que criariam o Movimento das Forças Armadas, eram assinantes ou leitores de «O Tempo e o Modo» e seguiam as atividades do Centro

Nacional de Cultura, a começar pelo mais influente ideólogo do Movimento, Ernesto Melo Antunes. Considerado um dos pais da democracia portuguesa, Mário Soares dizia com frequência que nunca foi tocado pela fé. Todavia, acompanhava a vida da Igreja. Tinha tertúlias com alguns membros do clero português – monsenhor Vítor Feytor Pinto, frei Bento Domingues, D. Januário Torgal Ferreira e padre Vítor Melícias – e eram frequentes os elogios que fazia ao Papa Francisco. Penso que apreciava a Igreja do «Pacto das Catacumbas».





agenda

janeiro 2017

14 de janeiro

. Lisboa - Lumiar (Monjas Dominicanas) - [Conferência](#) «O quotidiano como lugar teológico» por frei Mateus Peres integrada no ciclo «Viver uma mística de olhos abertos».

. Aveiro - Seminário de Santa Joana Princesa - [Jornadas](#) de formação litúrgica

. Israel e Palestina - Bispos europeus e norte-americanos [encontram-se](#) com migrantes e refugiados na Terra Santa (termina a 19 de janeiro)

. Lamego - Conselho Pastoral Diocesano

. Fátima - Conselho Nacional da Pastoral do Ensino Superior com a presença de D. Joaquim Mendes, bispo auxiliar de Lisboa

. Lisboa - Externato Marista, 09h30 - O núcleo de Lisboa do Movimento «Fraternitas» promove, no Externato Marista de Lisboa, um encontro ecuménico. A atividade, começa às 09:30 e encerra às 17:30, tem quatro sessões temáticas: «À procura da unidade»; «Perspetivas, passos

ecuménicos»; «Dinamismo e vivência ecuménica» e «Oração ecuménica».

. Fátima - Domus Carmeli, 09h30 - O movimento «Encontro Matrimonial» realiza, em Fátima, uma atividade sobre a exortação do Papa Francisco «Alegria do Amor» para celebrar os 35 anos de presença em Portugal. O encontro decorre na Domus Carmeli e vão ser refletidos vários temas sobre o documento do Papa argentino: “Casal no contexto atual”; “Valores do matrimónio” e “Inserção da família na sociedade”.

. Guarda - Museu de Arte Sacra da Guarda, 10h00 - [Ação](#) de formação sobre «Como preservar e salvaguardar o património cultural da Igreja» promovida pelo Departamento do Património Cultural da Diocese da Guarda.

. Évora – Sé, 18h00 - Concerto de Ano Novo na Sé de Évora promovido pelo cabido da catedral e a editora «Althum»

. Leiria - Cruz d’Areia, 21h00 - A irmã Maria Amélia Costa e o grupo «Mendigo de Deus» realizam um concerto orante «Rumo a Assis». Este

espetáculo serve para angariar fundos para uma peregrinação à localidade italiana de Assis, terra de São Francisco, o santo dos pobres.

. Porto - Igreja de São José das Taipas, 21h30 - [Conferência](#) sobre «Eutanásia o que está em causa?» por Luís Paulino Pereira.

15 de janeiro

. Lisboa - Encontro de formação da Juventude Operária Católica

. Roma - O porta-voz do Vaticano anunciou que o Papa vai retomar a 15 de janeiro as visitas a paróquias de Roma, neste caso a Santa Maria a Setteville, na periferia leste da cidade.

. Leiria - Bidoeira de Baixo - Envio da jovem Sandrina para a missão em Timor e inauguração de exposição missionária na Igreja da Bidoeira de Baixo (Diocese de Leiria-Fátima).

. Braga - Peneda-Gerês, 08h30 - A Pastoral Universitária de Braga promove uma caminhada ao Parque Nacional da Peneda-Gerês. O percurso desta caminhada dos universitários “é o Trilho dos Currais, localizado no Lugar do Vidoeiro (Gerês); um trajeto que atravessa três currais: o Curral da

Espinheira, o Curral da Carvalha das Éguas e o Curral da Lomba do Vidoeiro”.

. Aveiro - Seminário de Aveiro, 15h00 - Ação de formação para agentes da Pastoral da Saúde orientada pelo diácono José Carlos Costa.

. Lisboa - Igreja de Santos-o-Velho, 16h00 - Concerto de Ano Novo na Igreja de Santos-o-Velho (Diocese de Lisboa).

. Lisboa - Centro Cultural de Belém (Pequeno Auditório), 17h00 - Conversa sobre «Literatura e Pensamento (Quase) Toda uma Vida» entre frei Bento Domingues e Anabela Mota Ribeiro.

16 de janeiro

. Porto - São Pedro de Vilar do Paraíso - [Ciclo](#) de conferências «Mulher, Mãe, Maria - Pensar a Vida com o Coração» promovido pela Paróquia de São Pedro de Vilar do Paraíso (Gaia). (termina dia 05 de fevereiro de 2017)

. Lamego - Jornadas de formação permanente do clero (termina a 17 de janeiro)

. Algarve – Portimão - [Clero](#) do Sul do país reflete sobre «os novos areópagos» (até 19 de janeiro)



por estes dias

Leiria, 13 a 15 de janeiro

17.º Encontro de Animadores Sociopastorais das Migrações, com o tema 'Refugiados: Euros ou pessoas?', começa hoje às 21h00, no Centro Diocesano de Leiria. O Semanário Ecclesia anterior, o nr.º [195](#), foi dedicada a este tema.

Évora, 14 de janeiro

Concerto de Ano Novo promovido pelo cabido da catedral e a editora «Althum» a partir das 18h00, na Sé de Évora.

Braga, 15 janeiro

A Pastoral Universitária da Arquidiocese de Braga promove uma caminhada ao Parque Nacional da Peneda-Gerês. A partida para o Trilho dos Currais, localizado no Lugar do Vidoeiro (Gerês), é às 08h30.

Neste domingo (15), a Igreja Católica celebra o 103.º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado. 'Migrantes de menor idade, vulneráveis e sem voz', é o tema da [mensagem](#) do Papa Francisco.

Vila Nova de Gaia, 16 de janeiro a 5 de fevereiro

A Paróquia de São Pedro de Vilar do Paraíso, em Vila Nova de Gaia, na Diocese do Porto, começa o [ciclo de conferências](#) 'Mulher, Mãe, Maria - Pensar a Vida com o Coração', sempre às 21h30.

18 a 25 de janeiro

No hemisfério norte celebra-se a [Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos de 2017](#) com o tema 'Reconciliação, é o amor de Cristo que nos impele'.

Secretariado Diocesano da Pastoral Familiar
PASTORAL DA JUVENTUDE

SAI DO SOFÁ!

E CONSTRÓI-TE!

TEOLOGIA DO CORPO
13 JANETIRO
VIGARARIA DE ALMADA

NAMORO, AFETIVIDADE E SEXUALIDADE
10 FEVEREIRO
VIGARARIA DO MONTEJO

O VALOR DA VIDA E AS QUESTÕES ÉTICAS
21 ABRIL
VIGARARIA DA CAPARICA

A IDEOLOGIA DE GÉNERO
26 MAIO
VIGARARIA DO SEIXAL

RETRATOS DE FAMÍLIA
23 JUNHO
VIGARARIA BARREIRO/MOITA

Programação religiosa nos media



Antena 1, 8h00
RTP1, 10h30
Transmissão da
missa dominical



11h00 -
Transmissão missa



Domingo:
10h00 - Porta Aberta;
11h00 - Eucaristia;
23h30 - Entrevista de
Aura Miguel

Segunda-feira:
12h00 - Informação
religiosa

Diariamente
18h30 - Terço

RTP2, 13h00

Domingo, 15 de janeiro,
13h30 - Dia do migrante e
refugiado.



Segunda-feira, dia 16, 15h00 -

Entrevista. Entrevista ao padre
Adelino Ascenso, missionário
no Japão, sobre o romance
"Silêncio"



Terça-feira, dia 17, 15h00 -

Informação e entrevista João Luís Fontes sobre o
Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Quarta-feira, dia 18, 15h00 - Informação e entrevista
a Inês Espada Vieira, sobre o Clube de Leitura da
paróquia de São Tomás de Aquino

Quinta-feira, dia 19, 15h00 - Informação e entrevista
ao padre José Maria Brito sobre o filme "Silêncio"

Sexta-feira, dia 20, 15h00 - Análise à liturgia de
domingo com o padre Armindo Vaz e Nélcio Pita.

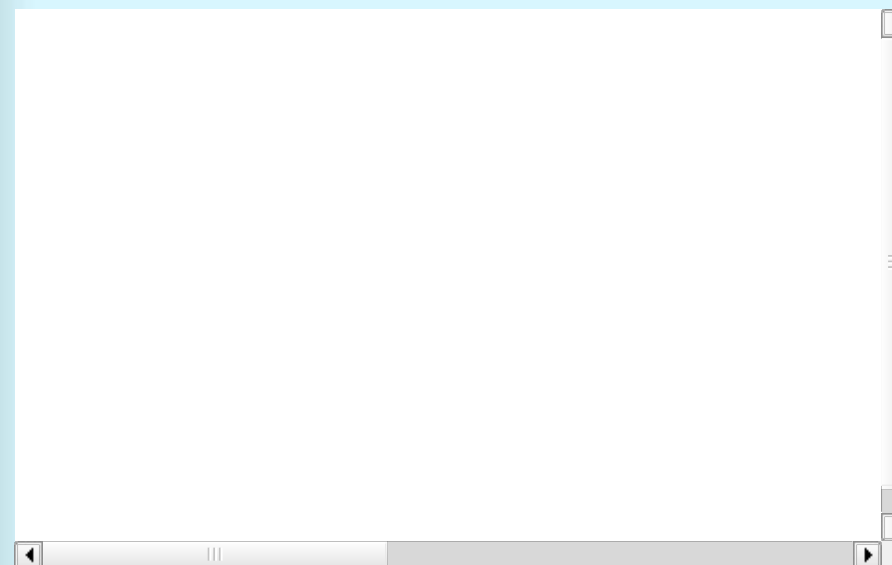
Antena 1

Domingo, dia 15 - 06h00 - Turismo Sustentável para
o Desenvolvimento na Casa Velha, em Ourém

Segunda a sexta-feira, dias 16 a 20 de janeiro-
22h45 - Oitavário de Oração pela Unidade dos
Cristãos - MARcelo visitou Igreja Presbiteriana; 20 anos
de Fé dos Homens, com o cônego António Rego; o
Papa Francisco na Suécia; Capela da Sra. da Alegria,
com o padre Manuel Rocha; o oitavário com João Luis
Fontes



No programa ECCLESIA (Antena 1)



Ano A – 2.º Domingo do Tempo Comum

A liturgia deste segundo domingo do tempo comum, logo a seguir ao tempo de Natal, coloca-nos a questão da vocação. Convida-nos a situá-la no contexto do projeto de vida plena que Deus oferece aos homens e ao mundo, elegendo pessoas para serem testemunhas desse projeto.

A primeira leitura de Isaías insere-nos no dinamismo dessa personagem misteriosa, o Servo de Deus, a quem Deus escolheu desde o seio materno. «O Senhor falou-me, formou-me desde o seio materno, fez de mim seu servo, fez de mim a luz das nações, para levar Deus a todos».

Não podemos ficar indiferentes a estas afirmações de apelo tão terno de Deus a cada um de nós. Um apelo à ternura, ou à revolução da ternura como diz o Papa Francisco, como marca das nossas vidas.

A segunda leitura da Primeira Carta aos Coríntios apresenta-nos Paulo, chamado a recordar aos cristãos de Corinto e a todos nós que somos «chamados à santidade», chamados por Deus a viver realmente comprometidos com os valores do Reino, escolhidos como apóstolos.

Aí está mais uma provocação à nossa consciência de batizados, para praticarmos a santidade que nos transforma em discípulos missionários enviados por Cristo a tantas situações da vida, particularmente nas periferias existenciais.

O Evangelho apresenta-nos Jesus, «o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo». Ele é o Deus que veio ao nosso encontro, investido de uma missão pelo Pai; e essa missão consiste em libertar os homens do pecado que oprime e não deixa ter acesso à vida plena.

A atitude para renovar a vocação só pode ser a mesma que é rezada no Salmo: «Ecce venio, eu venho, Senhor, para fazer a vossa vontade. Aqui estou».

Acolher a Palavra que hoje nos é servida é tomar consciência da vocação a que somos chamados e das suas implicações. Não se trata de uma questão que apenas atinge e empenha algumas pessoas especiais, tomadas à parte na comunidade eclesial, como os bispos e os padres, os frades e as freiras; trata-se de um desafio que Deus faz a cada um dos seus filhos, que a todos implica e compromete. Na origem da vocação está Deus: é Ele que elege, que chama e que confia a cada um uma missão. A vocação

implica essencialmente uma relação de comunhão, de intimidade, de proximidade da pessoa com Deus. Mas não se esgota nessa aproximação. É sempre em ordem a testemunharmos Deus, mesmo quando se trata de uma vocação contemplativa.

Neste dia e durante a próxima semana, pensemos e rezemos a nossa vocação. E rezemos pela fidelidade à resposta que demos a Deus desde o nosso batismo. Só assim seremos santos e felizes em Deus.

Manuel Barbosa, scj
www.dehonianos.org



**Santos e
felizes em
Deus**

Papa vem a Fátima como peregrino na esperança e na paz

O Papa Francisco vem como “peregrino na esperança e na paz” ao Santuário de Fátima, nos dias 12 e 13 de maio, no âmbito do Centenário das Aparições, afirmou o secretário e porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa. “[O Papa] Vem como peregrino na esperança e na paz, como nós também somos convidados a sê-lo, em oração, nesta atitude de apelo que a mensagem [de Fátima] tem à conversão, ao nosso compromisso social”, disse o padre Manuel Barbosa.

Em declarações aos jornalistas após a reunião do Conselho Permanente, o secretário e porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa, adiantou que a Santa Sé vai divulgar o programa oficial da visita do pontífice argentino a Fátima que “está naturalmente a ser elaborado” quando “achar oportuno”. A primeira reunião do ano do Conselho Permanente, da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), também refletiu sobre esse aspeto programático e o sacerdote referiu que equipas da CEP, do Santuário

de Fátima e da Santa Sé estão a preparar essa visita do Papa. O porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa fez ainda o convite a que maior número “possível de pessoas” participem nesse acontecimento e estejam presentes no santuário mariano nos dias 12 e 13 de maio. A viagem do Papa Francisco a Fátima foi confirmada numa nota da Santa Sé enviada à Agência ECCLESIA pela Nunciatura Apostólica (representação diplomática da Santa Sé) em Portugal, no dia 16 de dezembro. No dia anterior, a 15 de dezembro,

o Conselho de Ministros aprovou “um conjunto de medidas excepcionais e transitórias que permitirão à administração central e ao Município de Ourém proceder à contratação de bens e serviços no âmbito da visita do Papa a Fátima”. O pontífice argentino vai ser o quarto Papa a visitar Portugal, depois de Paulo VI (13 de maio de 1967), João Paulo II (12-15 de maio de 1982; 10-13 de maio de 1991; 12-13 de maio de 2000) e Bento XVI (11-14 de maio de 2010).



Alexandros Tombazis



O arquiteto greco-ortodoxo Alexandros Tombazis é o homem por trás da Basílica da Santíssima Trindade, consagrada na peregrinação internacional do 13 de outubro de 2007. Um espaço aberto que comporta 8500 pessoas sentadas em volta do altar, sem quaisquer colunas que suportem o peso da estrutura no interior da igreja.

Em declarações à Agência ECCLESIA, Alexandros Tombazis destacava então o facto de se ter criado um local "sereno, calmo, onde nos podemos concentrar e abstrair", construção que projetou da forma "mais simples possível", de modo a poder falar a todos. Para este efeito, contribui em larga medida o tratamento de um elemento essencial, a luz. "Há dois tipos de luz, a natural neutra, com janelas por cima do edifício, viradas para norte, que

podem iluminar ou obscurecer mais o ambiente, e no acesso central a luz direta, muito mais amarela e acentuada", explica.

A arquitetura é complementada pelas obras de arte presentes na igreja, em especial o painel de ouro do esloveno padre Ivan Rupnik que se encontra por detrás do altar, como contribuição para uma igreja simples e inspiradora.

A basílica tem forma circular, com 125 metros de diâmetro, e é sustentada por um grande pilar que suporta toda a cobertura e evita colunas no interior do templo. O projeto de Alexandros N. Tombazis combina a luz e a tecnologia, procurando respeitar a atmosfera de Fátima. Com um volume de quase 130 000 metros cúbicos e uma altura média de 15 metros, tem uma nave central de aproximadamente 8500 lugares sentados, configurada para duas capacidades diferentes: um

primeiro espaço para 3175 pessoas, separado por um biombo, pode ser completamente aberto em caso de necessidade. No altar está colocado, sobre uma caixa de prata, o fragmento marmóreo retirado do túmulo de S. Pedro no Vaticano e oferecido pelo Papa João Paulo II. Ao centro do Altar, está suspenso um grande crucifixo de bronze esculpido pela irlandesa Catherine Green, de 7,5 metros de altura, com características iconográficas próximas da arte bizantina. No presbitério está ainda uma imagem da Nossa Senhora de Fátima esculpida em mármore branco de Carrara, com três metros de

altura da autoria do italiano Benedetto Pietrogrande. O edifício tem 13 portas: 12 laterais dedicadas aos Apóstolos, em bronze, e o pórtico central, de 64 metros quadrados, consagrado a Cristo, com simbologia teológica trinitária. A porta central é ladeada por dez painéis superiores de bronze – Mistérios do Rosário – da autoria do artista plástico português Pedro Calapez.

Em 2016, Alexandros Tombazis voltaria a deixar a sua marca no Santuário de Fátima, ao projetar, com a arquiteta Paula Santos, o novo presbitério do recinto de oração.



Nigéria: O regresso a casa após 30 meses de cativoiro

Lágrimas felizes

Durante 30 meses, Asabe viveu num sufoco permanente às mãos dos terroristas do Boko Haram depois de ter sido sequestrada em Chibok, em Abril de 2014. A sua história e a das outras 276 raparigas raptadas como ela de uma escola cristã correu mundo. Ela foi libertada mas, infelizmente, para muitos outros nigerianos, a vida continua uma verdadeira prisão.

Na vila de Chibok não é possível esquecer o dia 14 de Abril de 2014 quando um grupo de terroristas do Boko Haram assaltou a escola cristã e sequestrou 276 raparigas. Foi como que o fim do mundo. De repente, de um dia para o outro, estavam ali, nas mãos de homens armados, no meio da floresta, longe da família. Sozinhas. Asabe Goni era uma delas. Com o passar do tempo, Asabe foi perdendo a esperança de que alguma vez iria regressar a casa. Quando soube, em Outubro, que ia ser libertada, graças a negociações da Cruz Vermelha, nem queria acreditar que o pesadelo estava a chegar ao fim. Mas não era um sonho. O reencontro com a família foi emotivo. Regressar a casa foi a melhor prenda que alguma vez

poderia imaginar. Estar ali, com os pais, os amigos, voltar à igreja, foi um verdadeiro milagre. Asabe nunca mais vai conseguir, porém, esquecer as amigas que foram forçadas a casar com os homens do Boko Haram. Algumas até engravidaram. Ela só ia pensando no dia em que seria a sua vez. Todas foram obrigadas a decorar o Corão, todas foram obrigadas a dizer que renunciavam a Jesus, todas foram violentadas física ou mentalmente. Todas foram escravizadas. A história destas raparigas é apenas um exemplo da tragédia maior por que têm passado os cristãos da Nigéria. Desde 2009, quando começaram os ataques do Boko Haram pelo menos 20 mil pessoas foram mortas e quase três milhões foram forçados a fugir das suas casas no que é considerada como uma das maiores crises humanitárias dos tempos modernos.

Ódio religioso

Infelizmente, para muitos nigerianos, para muitos cristãos, a vida continua uma verdadeira prisão. E uma das maiores tragédias é que quase ninguém fala disso. Segundo D. Joseph Bagobiri, da diocese de Kafanchan,



além do terrorismo do Boko Haram as populações têm sido também vítimas da violência dos Fulani, um grupo de pastores nómadas, quase desconhecido no Ocidente, mas que têm levado o horror a vilas e aldeias, destruindo tudo à sua passagem. “Só desde Setembro – diz este prelado à Fundação AIS – 53 aldeias foram queimadas, 808 pessoas assassinadas, 1422 casas e 16 igrejas destruídas.”

Asabe foi agora libertada do jugo do Boko Haram. Ela foi libertada e as

suas lágrimas foram, por isso, de felicidade. Mas quantas pessoas haverá ainda na Nigéria que vivem subjugadas pelo medo, apenas por serem cristãs e de quem ninguém fala? Para muitos nigerianos, para muitos cristãos, a vida neste país é uma prisão. Eles precisam da nossa ajuda, das nossas orações. Eles precisam de saber que não estão sós. Que podem contar connosco.

Paulo Aido | www.fundacao-ais.pt

Turismo sustentável



Tony Neves
Espiritano

2017 está virado para um turismo que seja ecológico. Durante muito tempo, turismo rimou com gente rica e só quem tinha muitas posses se dava ao luxo de ter férias e sair da sua casa. Também o turismo foi marcado, séculos a fio, por construções em montanhas e praias que não respeitavam em nada a natureza. Com a evolução da sensibilidade e espírito ecológicos, apareceram leis sucessivas a contrariar tudo quanto mostrasse desrespeito pela mãe natureza.

Hoje, o turismo está democratizado e são cada vez mais as pessoas que podem aproveitar o seu tempo de férias para partir rumo a terras desconhecidas para aumentar conhecimentos e experimentar a riqueza da diversidade que marca o mundo em que vivemos.

Mas há sempre exageros na forma como nos relacionamos com a natureza e há muito que crescer para que a ecologia seja integral. Um turismo sustentável implica respeito pelas pessoas e pela natureza. Não faz sentido invadir uma ilha cheia de biodiversidade, atafalha-la de construções que abalam o seu ecossistema e criar paraísos perdidos, altamente promovidos pelo marketing turístico que faz rodar milhões. Há também linhas turísticas, muito publicitadas, que provocam a exploração sexual (até de menores), que constituem um atentado à dignidade e aos direitos humanos. Costuma-se defender com a evocação da liberdade da escolha assente no 'só vai quem quer' e 'só se vende quem quer ganhar dinheiro fácil!'. Ora, todos sabemos



que não é assim que acontece e que é muito fácil explorar os pobres. Este Ano Internacional do Turismo Sustentável aponta em duas direcções que estão longe de ser opostas. Por um lado, há que criar condições para que todas as pessoas, por esse mundo além, tenham a oportunidade de alargar horizontes, conhecendo outras terras e outros povos, desfrutando da riqueza da diversidade das culturas e das belezas da natureza que merecem ser vistas. Por outro lado, há que evitar atentados contra a dignidade das pessoas e contra a natureza.

Para que o turismo seja de excelência e ajude a respeitar pessoas e natureza há que construir sociedades desenvolvidas em que os trabalhadores tenham acesso a um salário digno que lhes permita fazer face a todas as despesas do quotidiano e ainda sobre dinheiro para férias fora de portas. Também

se torna fundamental melhorar o quadro legal no que diz respeito a construções de estruturas turísticas para que a natureza nunca seja violentada, mas respeitada para bem de todos, a começar pelos próprios turistas.

Sendo um negócio de milhões, o turismo tende sempre a ser aproveitado por redes de quem, sem escrúpulos, quer apenas lucro e sucesso, por qualquer preço. Mesmo que esse preço seja a dignidade humana calcada ou a natureza poluída e esmagada. É tão bom partir, fazer a experiência do plural, cheirar e sentir outras terras e outros climas, encontrar outros povos e culturas, deslumbrar-se com as belezas que a natureza nos oferece. Os legisladores e operadores turísticos tenham o bom senso e a lucidez de nos mostrarem um mundo belo, sustentável e ecológico. Para bem de todos.

